

# Correio das Artes

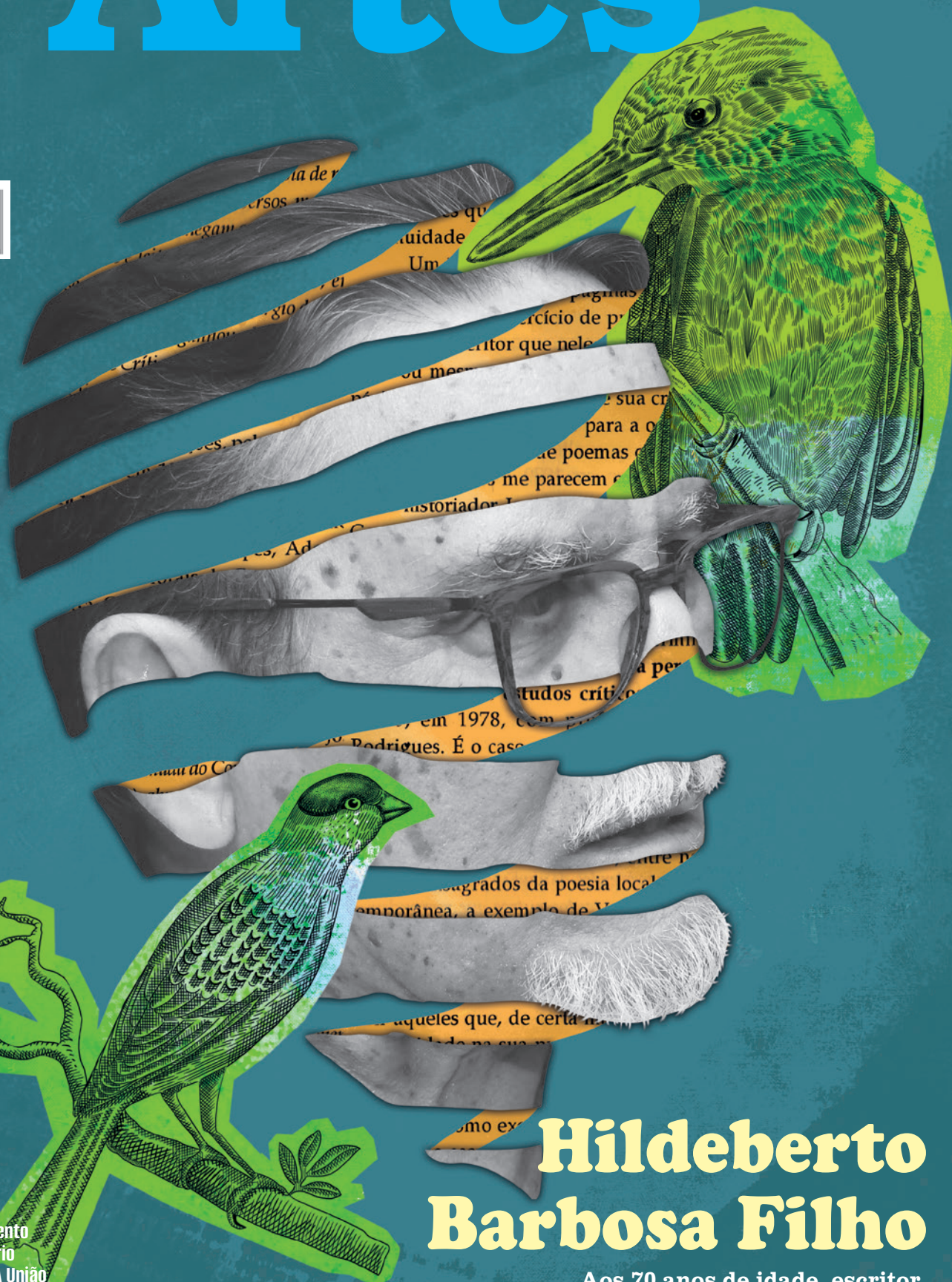
ANO  
LXXV

Nº  
8



Outubro  
R\$ 15,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.



Suplemento  
literário  
do Jornal A União  
**2024**

## Hildeberto Barbosa Filho

Aos 70 anos de idade, escritor,  
poeta e crítico paraibano celebra  
meio século de uma vida literária

Gráfica

# A UNIÃO



Excelência  
além da  
primeira  
impressão.

Solicite seu  
orçamento!

Telefone:  
(83) 3218-6525



# Mais pesado que o ouro

Na Antiguidade e na Idade Média, “alquimia” era uma ciência mística que tinha como objetivo a transmutação de um elemento em outro. Uma das principais matérias-primas para tal feito eram os metais não preciosos. Muitos dos intelectuais dessas épocas visavam transformar o peso do chumbo no brilho do ouro.

Na literatura, Hildeberto Barbosa Filho sabe do valor que cada palavra tem na composição de sua obra, seja em versos, em prosa ou em análises críticas. O objetivo é transmutar a “tabela periódica” do alfabeto em algo extremamente valioso para os leitores e leitoras.

Prolífico nesses seus 50 anos de trajetória pavimentada pelas letras, o paraibano de Aroeiras já conquistou o público por meio dos títulos de seus livros, independentemente dos gêneros – *A geometria da paixão*, *O livro da agonia*, *O exílio dos dias*, *A*

**Cria da Geração de 59 e da pós-modernidade, o “alquimista” Hildeberto Barbosa Filho também se matriculou na “escola dos melancólicos” e dos “poetas da suspeita”, vertente da literatura que busca explorar os abismos da condição humana**

*impressão da palavra*, *Os desenredos da criação* e *Namoro com a doce banalidade* são alguns exemplos.

Cria da Geração de 59 e da pós-modernidade, o “alquimista” Hildeberto Barbosa Filho também se matriculou na “escola dos melancólicos” e dos “poetas da suspeita”, vertente da literatura que busca explorar os abismos da condição humana. Nesta edição, conheça um pouco mais sobre o menino que queria criar cavalos no interior paraibano, mas doma e cavalga no trote das letras há meio século, dando asas aos seus autores favoritos e convivendo intimamente com a morte, sem se esquecer da vida e de viver pela pena literária.

Para os alquimistas das letras como o escritor, poeta e crítico paraibano em questão, o objetivo não é apenas transmutar chumbo em ouro, mas também lapidar o material, como um exímio ourives.

## índice

### 20 / música

Uma das principais bandas do *punk rock* paraibano, o *Dead Nomads* ganha uma análise da letra “Oração”, música lançada em forma de *single* em 2022 e que retrata um momento difícil que o Brasil atravessou.

### 24 / teatro

Ator e diretor Luiz Carlos Vasconcelos fala sobre o clássico ‘*Vau da Sarapalha*’ e a epopeia para recriar (e reinventar) o universo de Guimarães Rosa no palco.

### 30 / resenha

Francisco Gil Messias “mergulha” na vocação poética do jornalista e escritor José Nêumane Pinto por meio dos versos da coletânea ‘*Antes de Atravessar*’.

### 33 / artigo

Um recorte panorâmico de como se desenvolveu a amizade de dois homens das letras: o crítico literário e poeta Antônio Joaquim Pereira da Silva (1876-1944) e o poeta Silvino Olavo da Costa (1897-1969).

### 36 / ensaio

‘O Aquário e o Samurai — Uma Leitura de Michel Foucault’ faz uma dissertação dos textos de um dos “monstros sagrados” da literatura e da ciência social francesa.

### 40 / poesia

Com base em dois poemas presentes na obra, João Batista de Brito destrincha sobre o mais recente livro de Sérgio de Castro Pinto, ‘*Brando fogo das palavras*’.



SECRETARIA DE ESTADO  
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória  
Diretora Presidente

William Costa  
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda  
Diretora Administrativa,  
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão  
Diretor de Rádio e TV

**Correio  
das Artes**

Audaci Junior  
Editor do Correio das Artes

Paulo Sérgio  
Diagramação

Bruno Chiossi  
Arte da capa

Tônio  
Ilustrações

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500 / circulacao@epc.pb.gov.br

Correio das Artes. Uma publicação da EPC.

Av. Chesf, 451 — CEP 58052-010, Distrito Industrial, João Pessoa, Paraíba.

# Um “alquimista” das letras

Aos 70 anos de idade, escritor, poeta e crítico paraibano Hildeberto Barbosa Filho celebra meio século de uma vida literária

Alexsandra Tavares  
lekajp@hotmail.com

Quando criança, ele resistiu em ser alfabetizado. Queria viver livre pelo campo, em contato com os cavalos e outros animais que o pai, pequeno pecuarista, mantinha no município paraibano de Aroeiras. O menino sonhava em ser vaqueiro. Mas o casal, Hildeberto Barbosa de Araújo e dona Claudete da Costa Barbosa, não se rendeu a esse desejo e colocaram Hildeberto Barbosa Filho para estudar em Campina Grande, assim como fizeram com os outros cinco filhos. A partir daí, um novo mundo se abriu para o pequeno aroeirense, que fez da escrita as rédeas que guiam sua mente na composição de versos, crônicas, ensaios e críticas literárias.

Neste mês de outubro, o escritor, poeta, professor aposentado, jornalista, mestre e doutor em literatura brasileira, Hildeberto Barbosa Filho, completa meio século de trajetória literária e 70 anos de vida. A data é um marco na história desse imortal, membro da Academia Paraibana de Letras (APL), que já tem no currículo 70 livros publicados. Os dois mais recentes — *No fim de to-*



Quando leio os primeiros versos de um bom poema, não consigo continuar, porque fico impactado e me dá vontade de escrever

*Hildeberto Barbosa Filho*

*das as coisas e Elegias do poeta maduro* —, publicados pela Ideia Editora, foram lançados no último dia 10, na sede da APL, em João Pessoa. Na ocasião, ainda foi apresentado o livro *Um copo de mar*, organizado pela professora e escritora Maria das Neves Franca, a Nevita.

Olhando para a realidade atual do escritor, nos perguntamos: O que teria acontecido com a criança que queria lidar com cavalos na Zona Rural? A transformação veio com a descoberta do universo das letras que o arrebatou e abriu outras possibilidades em sua vida.

“Com 10 anos, eu ainda não tinha o domínio da cartilha e da tabuada. Não queria estudar. Mas, em Campina Grande, por causa da convivência com amigos da escola, das sessões de cinema, da troca de revista em quadrinhos nas portas das matinês, comecei a ler muito. Aquilo, para mim, teve um impacto enorme, foi uma detonação. Eu me alfabetizei e a coisa deslanchou. É como se diz, procurei recuperar o tempo perdido”, declarou Hildeberto.

Daí por diante, ele não se separou mais dos livros. Após a alfabetização, o paraibano fez o exame de admissão, espécie de teste para o aluno ascender de série na vida escolar. Para espanto dos pais, ele tirou em primeiro lugar de um grupo de 200 estudantes que se submeteu ao exame. “Meus pais se perguntaram como aquilo foi possível, se tinha gente estudando há muito mais tempo e não tinha tirado aquela nota”, contou.

Durante os estudos no Colégio Estadual da Pra-



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Professora e escritora Maria das Neves Franca, a Nevita, organizadora do livro “Um copo de mar”

ta, em Campina Grande, o paraibano enveredou, com alguns amigos, pela vida intelectual. Na época, por volta de 1968, conheceu os movimentos estudantis e também a rigidez do regime ditatorial que vigorava no país.

Antes dos 20 anos de idade, começou a lecionar na terra natal, onde conheceu a esposa, Vera Lúcia, também de Aroeiras; uma companheira com quem convive até hoje e teve duas filhas, Carolina e Mariana. De Campina Grande, veio para João Pessoa estudar na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde cursou Direito e Letras. Mais tarde, foi professor no curso de Letras e, depois, lecionou no Curso de Comunicação Social. Fez pós-graduação em São Paulo e sempre esteve ligado ao mundo jornalístico. Tornou-se jornalista num tempo em que a legislação concedia o registro profissional com

base na aptidão pessoal e engajamento na área. Hildeberto Barbosa Filho foi colaborador em jornais paraibanos, como *O Norte*, *O Momento* e **A União**, escrevendo críticas literárias e poesias para os veículos impressos.

Desde que passou a lecionar na UFPB, inicialmente no antigo Campus II (em Campina Grande) e, posteriormente em João Pessoa, onde reside até hoje, Hildeberto saiu da terra natal, sem perder, porém, o vínculo com o lugar onde nasceu. Ele possui uma casa em Aroeiras e, vez por outra, passa alguns dias por lá, apaziguando a saudade dos tempos de juventude e revendo os aroeirenses.

## “A fonte maior da minha poesia é a leitura”

Do ponto de vista físico, Hildeberto Barbosa Filho se afastou da rotina da Zona Rural paraibana, do sonho de criança de conviver perto dos animais, mas as experiências da infância e juventude são memórias que transparecem em sua obra.

“A relação com os bichos e com a terra está muito presente no que escrevo, na minha memória. Esses foram os meus primeiros personagens. O meu pai mesmo, para mim, é um personagem, pelo amor que ele tinha aos cavalos. Hoje, fico pensando: Como é que um homem troca uma caminhonete num cavalo? Ele fazia isso. Lembro que eu tinha nove anos quando meu pai me presenteou com um

cavalo. Então, essas coisas ficam impregnadas na gente e nos impactam”.

As primeiras leituras, os filmes vistos e revistos, a convivência com os amigos da escola e fora dela também fertilizaram a imaginação e sensibilidade do escritor, reverberando elementos imagéticos na arte do poeta. Nomes da literatura brasileira e internacional que ele admira também marcaram seu consciente e inconsciente. Entre esses autores, ele cita nomes como Dante Alighieri, Charles Baudelaire, T. S. Eliot, Jorge Luís Borges e Charles Bukowski.

Na língua portuguesa, destacam-se Fernando Pessoa, Cesário Verde, Camilo Pessanha, Augusto dos Anjos, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Ivan Junqueira, Alberto da Cunha Melo, Francisco Carvalho, Nauro Machado e José Antônio Assunção. “Falo apenas

dos poetas que amo. Li muitos outros e ainda os leio. Esses, no entanto, parecem constituir o núcleo duro de meu *paideuma* particular”.

Porém, para ele, o grande impulsionador na criação de versos é a própria leitura. Essa constatação traz um traço peculiar na relação do paraibano com os poemas produzidos por outros escritores.

“Quando falo sobre essa minha subjetividade de leitor, claro que gosto de tudo, mas a poesia me desestruturou. Quando leio os primeiros versos de um bom poema, não consigo continuar, porque fico impactado e me dá vontade de escrever. Então, paro e vou escrever. Tanto é que digo sempre: ‘A fonte maior da minha poesia é a leitura’”, comentou Hildeberto Barbosa.

Como muitos intelectuais, o escritor e crítico tem algumas peculiaridades no momento da criação. Há momentos em que a velocidade dos temas, palavras, imagens, enfim, todo tipo de elementos inspiradores chegam com tal força no cérebro do poeta, que inúmeros textos são produzidos rapidamente e, assim, um livro completo é lançado em pouco tempo.

“Às vezes, tudo vem como se uma voz me falasse os versos. Por exemplo, esse pequeno livro, *Elegias do poeta maduro*, fiz em um dia. Então, há obra que é totalmente inspirada, é aquela coisa do visionário, que vem de repente como se você tivesse sendo possuído. Porém, há outros em que, como dizia João Cabral de Melo Neto, a gente é quem procura o poema, é um livro mais pensado. Então, acredito em inspiração e transpiração. Minha poesia, 70% dela, é inspirada”.

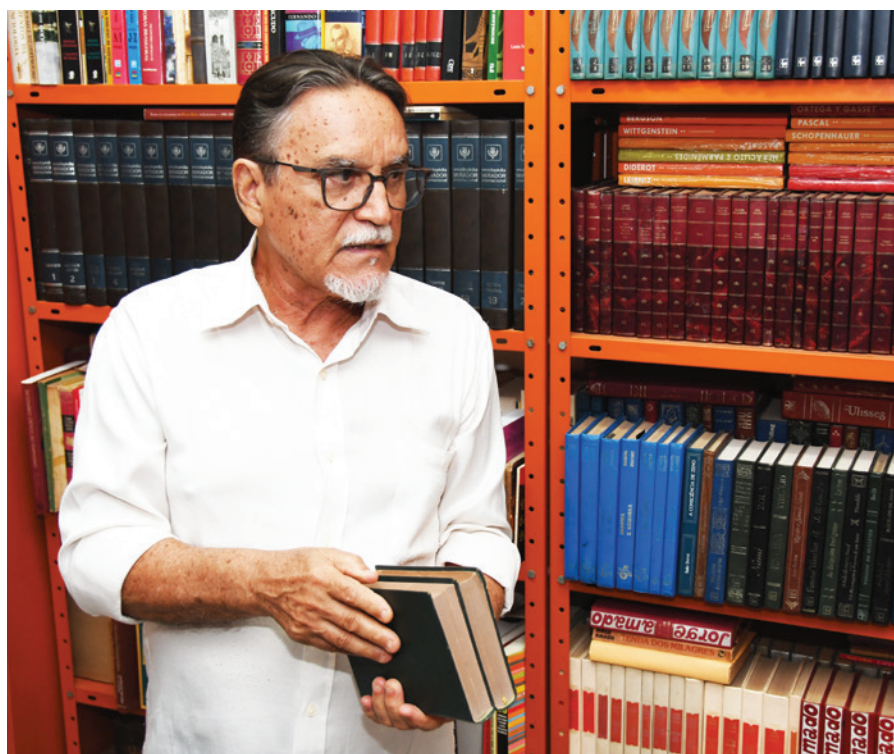


FOTO: JOÃO PEDROSA

Na biblioteca que mantém em casa, Hildeberto possui mais de 21.500 volumes, tudo organizado e catalogado por ele mesmo

## “Ceifadora”

Falando em produção de livros e elementos inspiradores, um tema recorrente na obra do paraibano é a morte. Mas, o que ela significa, não apenas para o artista, mas para o ser humano Hildeberto Barbosa Filho? “Confesso que não sei. A morte é exatamente isto: o não saber”, pontua o escritor.

E continua: “Se ela está presente nos meus versos, é porque ela está presente na minha vida. Diz o poeta que, depois de nascer, começamos a morrer. Pois bem: acato essa verdade. Se existe algo prosaico, cotidiano, natural, que está sempre em colóquio íntimo conosco, este algo é a morte”.

Segundo ele, se estamos vivos, é porque também estamos morrendo um pouco a cada minuto de nossa respiração. Porém, o escritor e poeta paraibano não se vitimiza diante dessa realidade e reforça que não dramatiza a morte. “Pessoa diz que ‘morrer é a única conclusão’. Será? Será que existe conclusão? Não sei. Ninguém sabe. Isso dói, por um lado. Mas, por outro, me atixa a provar o ácido e delicioso aroma da vida”.

Independentemente dos *insights*, dos temas percorridos em seus versos, das horas de inspiração e transpiração, a verdade é que a literatura faz parte da existência do artista e ocupa o lugar central em sua vida. Hildeberto Barbosa Filho afirmou que não é um poeta maior e nem o melhor crítico, mas ama a coisa literária como poucos. “Dediquei toda a minha vida a escavar, como um inseto bêbado, esse chão misterioso em que se configura a dicção literária e estética”, frisou.

**Tema recorrente  
na sua obra,  
se a morte  
está presente  
nos versos do  
paraibano, é  
porque “ela está  
presente na minha  
vida”**



FOTO: JOÃO PEDROSA

Hildeberto não se considera um poeta maior nem o melhor crítico, mas “ama a coisa literária como poucos”

Ele acrescentou que não é “daqueles tolos que cultivam as ilusões literárias e que fazem da literatura uma cartilha barata da pior publicidade”. “A literatura, como o meu lugar, é também um entrelugar, um outro lugar no qual habitam os desejos mais secretos, as ideias e as imagens de uma verdade e de uma beleza que extrapolam os muros da convenção, do estereótipo e da ideologia. A literatura é o lugar dos meus demônios interiores e meu estranho navio a atravessar o oceano da fantasia”, completou.



## Celebração ao toque de elegias e poesia

Nada mais prazeroso para um escritor do que comemorar o aniversário, bem próximo de pessoas queridas, no lançamento de um livro — no caso de Hildeberto Barbosa Filho foram dois: *No fim de todas as coisas e Elegias do Poeta Maduro*. Em 9 de outubro, completou 70 anos de vida. No dia seguinte, ele se reuniu com os amigos na Academia Paraibana de Letras (APL) para apresentar as obras e celebrar as primaveras, bem como os 50 anos de vida literária.

“Os dois livros são de poemas inéditos. *Elegias do Poeta Maduro* é um poema dividido em 10 partes. A elegia é um poema da tristeza, da coisa fúnebre, da morte, embo-

**Com 70 livros publicados, o autor pretende organizar os seus arquivos e biblioteca para poder viver a sensação ou a ilusão de que fez, de fato, alguma coisa**

ra eu não seja nada amargo. Não sou aquela pessoa que se vitimiza, eu detesto isso, eu tenho a ira, mas a ira de viver. Não acho a vida desprezível, acho agressiva. O outro livro, no *Fim de Todas as Coisas*, é uma obra enorme, que a princípio o título seria *Existe Beleza no Fim de Todas as Coisas*”, comentou.

Na mesma comemoração ocorrida na APL, o poeta foi homenageado com o livro *Um copo de mar*, organizado pela professora e escritora Maria das Neves Franca. Segundo ela, a publicação é um presente que celebra a vida e o legado de um homem que tem a trajetória marcada pela poesia. Ao mesmo tempo, o livro simboliza a relação que ela estabeleceu com alguém que a inspira.

“Em *Um Copo de Mar*, indiferente a formalidades críticas e sem qualquer intenção de fazer análise literária, exponho comentários de leitura sobre alguns poemas do professor Hildeberto. Ele nos ensina que ao habitar a poesia, estamos de alguma forma transcendendo os limites do tempo, e assim tocando o eterno. *Um Copo de Mar* é uma forma de prolongar essa jornada poética, uma maneira de vivermos, mesmo que por um instante, a eternidade que ele nos propõe”, comentou a escritora e organizadora.

### Futuro

Além da publicação das duas obras, já concretizadas, o autor paraibano tem outros planos para 2024 e os anos que virão. Entre as metas está uma dedicação maior à vida intelectual que, segundo ele, sempre foi muito “caótica e dispersa”. “Pretendo organizar arquivos, biblioteca, livros, para poder viver, nem que seja por um breve tempo, a sensação ou a ilusão de que fiz, de fato, alguma coisa, além de procurar, como diz o poeta T. S. Eliot, a minha vida que perdi, vivendo”.



Obras poéticas mais recentes: os inéditos “No fim de todas as coisas” e “Elegias do Poeta Maduro”; já “Um Copo de Mar”, Maria das Neves Franca tece comentários sobre poemas de Hildeberto

IMAGENS DIVULGAÇÃO/EDITORA IDEIA

## Quem veio primeiro?

A poesia foi o gênero literário que veio primeiro na escrita de Hildeberto Barbosa Filho, autor que também se destaca como crítico literário. Ele contou que a produção de versos ocorreu “pelos arroubos da adolescência, pelo impacto das primeiras emoções, dos primeiros lampejos do pensamento e pela descoberta do sabor das palavras poéticas” que descobriu em “alguns autores, sobretudo, românticos, parnasianos, simbolistas e um que outro já de feição moderna”.

Se formos pensar de forma prática, essas duas funções do escritor/poeta e crítico, parecem atividades antagônicas, já que uma se reveste mais do lirismo e do emocional, e a outra, da objetividade e de certo didatismo. No entanto, para Hildeberto, as atividades se complementam. Assim, ele convive com ambas, no “conforto e no desconforto das tensões criativas”.

“Uma atividade complementa a outra, ambas, assim, se retroalimentando mutuamente. Se pode haver diferenças entre as categorias da sensibilidade e do ludismo em relação aos critérios objetivos e investigativos do pensamento crítico, essas diferenças nunca são, pelo menos para mim, de ordem excludente. Creio que existe algo de intelec-

tivo na sensibilidade poética, assim como algum rastro poético na travessia do pensamento crítico”, contou.

Assim, entre a criticidade e o lirismo, ele percorreu décadas de sua existência. Quando o autor recorda o início da carreira literária, na época em que lançou os primeiros livros — *Convivência Crítica* (1985) e *Geometria da Paixão* (1986) —, muito se foi aprimorado na construção textual do paraibano. Quando indagado sobre o que diferencia o escritor de hoje, daquele do passado, ele diz que são os “martelos do tempo”, além de “certa noção, decerto mais madura, diante dos sortilégios da palavra”.

O rei Cronos também se encarregou de lhe trazer “alguma espécie de limpeza e de verdade mais aguda, face aos eventos da vida, associada a uma visão mais cética diante dos problemas que pontuam os nossos passos de seres para a morte”.

“A geometria da paixão se quer um dueto entre pensamento e sensibilidade, entre conceito e emoção, entre forma e fundo. Diria estar aí, nesse título inaugural, a síntese de um projeto poético que não se esgota, porque, para mim, se a poesia é palavra, é também vida e intensa experiência de viver. A ira de viver!”.

## Uma cria da Geração 59 e da pós-modernidade

A arte de Hildeberto Barbosa Filho é plural e complexa, não no sentido de difícil entendimento, mas na variedade de elementos e nuances que carrega. Modernista, pós-modernista, cria da Geração 59, em qual escola ou movimento literário ela está inserida? As respostas dos intelectuais que acompanham a trajetória do paraibano se diferem nessa definição, prova da versatilidade criadora e de conhecimento do autor.

O jornalista, tradutor e escritor Astier Basílio é uma dessas pessoas que mantém uma relação próxima a Hildeberto. Ele conheceu o trabalho do intelectual aroeirense em 1997, quando, por recomendação de uma professora de literatura, passou a ler as críticas de Hildeberto no extinto jornal *O Norte*. No mesmo período, teve um encontro fortuito com o escritor em uma palestra na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e, em 1999, se reuniram no lançamento coletivo de livros de Lúcio Lins, José Antônio Assunção e do próprio Hildeberto.

“Creio que nossa amizade se consolidou em 2000, época em que eu era aluno de Letras da UFCG e Hildeberto ministrou um curso sobre a lírica moderna para alunos do mestrado daquela instituição e me permitiu assistir algumas das aulas. Trocamos cartas. Telefonemas. Hildeberto apresentou e prefaciou livros meus. É um dos melhores amigos que a li-



FOTO: CARLOS RODRIGO

Como crítico, Hildeberto consegue mapear a produção dos muitos "brasis", de acordo com o jornalista e escritor Astier Basílio

teratura me deu. Hildeberto elegeu alguns de seus amigos mais jovens como filhos bastardos. Integramos uma confraria. Xisto Medeiros, Edônio Alves, Ed Porto e eu".

Astier Basílio acompanha há anos a produção do amigo e diz que a poética do artis-

ta veterano se abre em uma dicção bastante nítida. "É um poeta espantado com o espetáculo do mundo, em busca de descobrir um novo espanto em cada pergunta, em cada olhar. Hildeberto escreve uma poesia que não termina".

Ele acrescenta que Hildeberto Barbosa Filho "é um dos mais importantes críticos literários do país, alguém que conseguiu mapear a produção dos muitos *brasis*". Para Astier Basílio, poucos têm a amplitude de seu referencial de leituras e de seu conhecimento das vertentes mais diversas da literatura brasileira. Já do ponto de vista estético, ele afirma que Hildeberto se insere na pós-modernidade, mas como o trabalho do artista é plural, faz-se necessário dividi-lo em segmentos, para se ter uma ideia de sua grandeza.

Ao comentar a produção do amigo como poeta, Basílio frisou que ele continua o diálogo com a tradição moderna, aberto pela Geração 59, instaurado pelo Grupo Sanhauá, continuado pelo Grupo Garatuja. "Mas, além disso, sua poesia abre-se em vertentes temáticas: a agônica, de pendor mais filosófico, existencial, cuja mais alta expressão é 'A ira de viver'; a telúrica, em que a terra, a paisagem natal, é celebrada como uma espécie de útero ancestral, caverna de eros, com seu melhor exemplo em 'Comarca das pedras'".

Ao comentar a atividade desempenhada por Hildeberto Barbosa Filho como crítico literário, Astier Basílio comentou que o amigo, antes de tudo, foi um grande leitor da tradição da crítica literária, em âmbito nacional, nordestino e local. "Nesta tradição se inseriu e convergiu tanto o rigor e a produção acadêmica universitária como a militância jornalística e a produção contínua como um colaborador ativo da imprensa", finaliza.

## Escola dos melancólicos

A professora e escritora Maria das Neves Franca, a Nevita, diz que é avessa a rótulos e formalidades de toda ordem. Por isso, declarou que a obra de Hildeberto Barbosa Filho se vincula à “escola dos melancólicos” e dos “poetas da suspeita”, vertente da literatura que busca explorar as sombras e os abismos da condição humana, revelando a vulnerabilidade do ser diante da finitude e da tragicidade da existência.

Para ela, nada melhor do que um passeio pelos versos do parai-bano para alcançar suas vinculações e congruências. “Num deles, encontro uma imagem poética e metafórica que descreve a ação de jogar damas com o aroma da ausência... A expressão aroma da ausência sugere a presença de uma sensação de vazio, de solidão, que permeia o ambiente e as interações do poeta durante a partida de damas, imagem do jogo da vida. Nesse mesmo poema — *A Casa Antiga* — ele diz que no alpendre só cabia o *spleen* de Baudelaire”, exemplifica.

Nesse trecho do poema de Hildeberto, Maria das Neves reforça que a referência ao *spleen* do escritor francês (conhecido por sua obra marcada por temas como o tédio e a solidão) aponta para o sentimento de tristeza profunda, realçando os liames do poeta com a escola da vida.

“Explorando temas inquietantes e perturbadores, como a solidão, a tristeza, a melancolia, o *Fim de todas as coisas*, o poeta mostra seus vínculos com uma escola de resistência e de subversão, escola de coragem de ser, desafiadora de vazias convenções sociais, enfrentamento de perversos moralismos, escola de vida intensa, vida autêntica, vida criadora”.



Para o escritor campinense José Edmilson Rodrigues, é difícil definir estilos literários para Hildeberto Barbosa: “Sua contemporaneidade fala bem mais alto”

## Poeta modernista

Já o escritor campinense e ensaísta José Edmilson Rodrigues afirmou que é difícil definir escolas literárias, pois acredita que há estilos literários. Segundo ele, Hildeberto é um poeta modernista. “Sua contemporaneidade fala bem mais alto”, ressaltou.

Edmilson conhece Hildeberto desde a década de 1970 e, segundo ele, o diferencial da obra do aroeirense está na sua disposição de perceber com o olhar agudo o texto, combinando o fazer, a criação, o eu lírico e seu tempo com a crítica social. “Assim, há uma metalinguagem fluente em seus escritos. A sua escrita tem técnica e sensibilidade mergulhada em

seu confessionário de poeta e conteúdo abalizado, não só pela forma, como pelo organismo constituído por sua grande experiência, chegando ao leitor saberes e memórias”.

Ele ainda cita um trecho da poética do aroeirense, frisando que seu eu lírico fala em *Lição*: “Adoro teu vigor / sobre tudo. / Quando quis fazer / poemas, fui à calçada de minha infância [...]. Portanto, ele imprime uma qualidade literária e um discernimento cultural, tatuando sua assinatura como poeta, cronista, ensaísta e crítico. Eis, Hildeberto, um alquimista das letras”, definiu.

A aproximação entre Edmilson e Hildeberto teve início nos encontros literários

ocorridos no decorrer dos anos e pelo fato de o aroeirense ter morado um período na Rainha da Borborema. “Minha admiração vem desses dias, chegando até a nossa maturidade”, destacou o campinense.

Como características da poética do paraibano, ele aponta a busca clara pelo encanto, beleza e pela demonstração da subjetividade. Ao comentar o Hildeberto crítico e cronista, José Edmilson Rodrigues enfatizou que o paraibano se sobressai pela desenvoltura de ressaltar a realidade com olhos de águia, tecendo análises que, por vezes, revelam as sutilezas da condição humana.

Para ele, o poeta que saiu de Aroeiras ainda jovem e mergulhou no universo das letras é um dos principais personagens da literatura paraibana, de tal maneira que sua produção literária se tornou respeitada e reconhecida. “São sete décadas de vida, num bom espaço de tempo, e 50 anos de carreira. Ele não só publicou múltiplos ensaios e dezenas de livros que fortaleceram e denotaram a cena literária, como também auxiliou a acomodar a crítica literária em toda nossa Paraíba, e ressonância além dos muros”.

Essa contribuição ajudou a disseminar a literatura paraibana, nordestina e brasileira, na promoção de escritores locais e debatendo questões da literatura contemporânea. De acordo com José Edmilson, a atuação do intelectual como professor da UFPB impactou na formação de gerações de estudantes da graduação e da pós-graduação, estimulando a produção cultural e literária da região.

## Parceria de décadas

No início da carreira literária, Hildeberto Barbosa Filho afirmou que um veículo de comunicação paraibano contribuiu, de forma especial, para sua inserção no cenário cultural, pois foi vitrine para sua escrita e termômetro sobre a qualidade de seus textos. Esse impulsionador foi o *Correio das Artes*.

Ele contou que o pontapé dessa parceria ocorreu em 1976, quando o suplemento es-

tava sob a editoria do saudoso Jurandy Moura. “Para mim, o *Correio das Artes* foi fundamental. Foi nele que comecei minha vida literária, publicando os primeiros poemas e exercitando os primeiros ensaios de crítica e interpretação”, destacou Hildeberto.

O escritor colabora periodicamente com a revista por meio da coluna *Convivência Crítica*, espaço garantido no suplemento cultural onde ele expõe suas análises literárias.

De acordo com Hildeberto, desde os anos 1940, a publicação



FOTO: JOÃO PEDROISA

Foi colaborando para o “*Correio das Artes*” que o paraibano publicou os primeiros poemas e exercitou os primeiros ensaios de crítica e interpretação

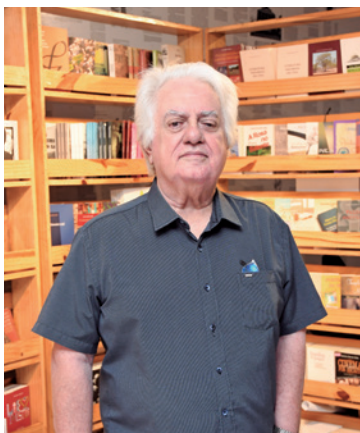


FOTO: JOÃO PEDROSA

Na avaliação de Sérgio de Castro Pinto, a contribuição de Hildeberto é grande não só como poeta, mas também como crítico, cronista e memorialista

de **A União** tem sido a ferramenta mais relevante do cenário cultural da Paraíba, um verdadeiro patrimônio artístico. O poeta também reconheceu a visibilidade que a revista oferece aos talentos estreados, bem como o espaço dado aos artistas veteranos, documentando relevantes momentos da cultura local.

“O *Correio das Artes* é uma espécie de porta de entrada para os autores novos na república das letras. É fonte de pesquisa, é material de divulgação, é exemplo do melhor jornalismo cultural”, ressaltou.

O escritor chegou, inclusive, a ser conselheiro do suplemento cultural, quando este tinha como editor o poeta Sérgio de Castro Pinto. “Conheço Hildeberto desde inícios da década de 1980. Inclusive, me sinto responsável pelo seu ingresso no jornalismo cultural, pois Frutuoso Chaves, à época editor do já extinto jornal *O Norte*, convidou-me para colaborar naquele jornal com uma coluna sobre literatura”.

Porém, como Sérgio estava envolvido com outros compromissos, inclusive com a editoria do *Correio das Artes*, declinou do convite. “Então, já que eu acompanhava o crítico e o poeta Hildeberto fazia

algum tempo, já que sabia de sua competência, sugeri o seu nome a Frutuoso, que foi imediatamente aceito”.

A coluna que Hildeberto escreveu por vários anos no extinto jornal *O Norte* foi a *Convivência Crítica*, que atualmente é publicada nas páginas do *Correio das Artes*. “Passei 20 anos nessa coluna em *O Norte* e eram dois colunistas: eu, que escrevia a crítica literária, e Wellington Pereira, que fazia a crítica de mídia. Às vezes, João Batista fazia a crítica de cinema. A coluna saía aos domingos e era uma página inteira, tinha um caráter mais denso, ensaístico”, contou Hildeberto Barbosa Filho. *Con-*

## “A União” como marco

A carreira do poeta e crítico literário também está ligada ao Jornal **A União**. Ele contou que, em 1974, o veículo estatal publicou uma matéria ressaltando as novas vozes poéticas que surgiam naquela época no estado. Na lista estava o nome de Hildeberto Barbosa Filho. “Foi a partir dessa reportagem, publicada em 1974, que registrei o início da minha vida literária, porque apareço oficialmente na imprensa”, declarou.

Vale ressaltar que, há alguns anos, o paraibano também passou a escrever a coluna *Letra Lúdica* no jornal estatal. Ela pode ser lida, sempre aos domingos, no caderno de *Cultura de A União*. Mas a origem do *Letra Lúdica*, segundo Hildeberto, foi em *O Momento*, um dos periódicos que o escritor colaborou e que também foi extinto na Paraíba.

Seja como colaborador de jornais ou revistas, como professor nas universidades paraibanas, escritor ou figura conhecida nos círculos culturais, Hildeberto Bar-

*vivência Crítica* também foi título do primeiro livro lançado pelo autor, em 1985, no qual ele reúne uma série de matérias ensaísticas e de crítica literária a respeito da literatura paraibana.

Pela longa convivência e familiaridade com a história do *Correio das Artes*, Hildeberto chegou a escrever um opúsculo, publicado pela Editora **A União**, no ano 2000, intitulado *Correio das Artes: anotações para a sua história*. Na obra, o autor procura analisar o papel histórico e a direção das várias editorias, fases e contribuições do suplemento cultural.



FOTO: JOÃO PEDROSA

Primeiros exemplares do “Correio das Artes” da coleção particular do crítico e escritor

bosa consolidou uma carreira que enriquece a cultura paraibana.

“A importância de Hildeberto para a literatura feita na Paraíba é grande não só como o poeta que ele é como também pelo crítico, pelo cronista, pelo memorialista e pelo professor. Foi um dos primeiros, senão o primeiro, a escrever sistematicamente sobre os velhos autores paraibanos e também a respeito dos jovens estreados”, disse Sérgio de Castro Pinto.



Entrada do Bar do Baiano, localizado no Bairro dos Bancários, em João Pessoa



FOTOS: CARLOS RODRIGO

Na fachada do bar, detalhe da caricatura de Hildeberto feito por Régis Soares

## Livros, pássaros e bar

Hildeberto Barbosa Filho é uma daquelas figuras enigmáticas que tenta eternizar as vivências de outrora, ou resquícios dela, em sua arte ou no seu cotidiano. O bairro pessoense dos Bancários, onde mora, é o reduto onde ele consegue manter algumas de suas paixões: livros,

pássaros e os encontros com os amigos no Bar do Baiano.

Na biblioteca que mantém em casa, Hildeberto possui 21.534 volumes, tudo bem organizado e catalogado por ele mesmo, dispostos nas 40 estantes enfileiradas no cômodo. “Organizo tudo e sei onde cada livro está. Tenho relíquias como os primeiros exemplares do *Correio das Artes*, acho que nem *A União tem*”, disse, aos sorrisos.

Nesse espaço da residência, o escritor e crítico mergulha no mundo das letras, viaja nas histórias de outros autores e também encontra o espaço apropriado para suas criações. “Sento nessa cadeira e digito minhas poesias no celular”, frisou.

Um fato curioso é que ele, seja deitado na rede da varanda de casa ou na poltrona da biblioteca particular, dá vida à sua produção digitando no celular usando um único dedo, o mindinho.

“Tudo que faço é no celular, no drive, mando minhas coisas para o jornal também pelo celular. Consigo fazer tudo assim, bem rápido”, conta.

Em meio a tantas obras, ele se mostra totalmente acolhido e diz que é como Montaigne: não viaja sem livros, nem na paz nem na guerra. Os livros, para ele, são mais que companheiros, “são fetiches, amores, objetos sagrados”. “Não saberia viver sem eles. Seus únicos rivais, na loucura de minha paixão, são os meus pássaros, principalmente dois pintagóis a que chamo de Cesário Verde e Fernando Pessoa”. Além desses, Hildeberto tem Augusto dos Anjos, Baudelaire, Dante e “uma burguesinha chamada Clarice”.

Circulando pela residência, podemos observar na garagem e também no terraço, gaiolas que abrigam coloridos pássaros. Os belgas são algumas espécies vistas por lá. As aves podem ser, conscientemente ou não, uma referência à vida que tivera na Zona Rural, em Aroeiras. “Crio pelos cantos e pela plumagem. Sinto neles, também, uma delicadeza natural e um suave mistério por onde parece ecoar alguma coisa de sagrado. Os pássaros são perfeitos”.

Também é no Bairro dos Bancários que o poeta e crítico literário se reúne com amigos intelectuais no Bar do Baiano. A cada encontro descontraído, os laços de amizade são renovados e, e entre uma conversa e outra, a mente é alimentada por bons fluidos que enriquecem as experiências do escritor.

Hildegardo Barbosa Filho declarou que o bar representa uma geografia subjetiva e especial em sua vida, é quase um terreiro mitológico, uma tenda para o devaneio e para o desvario. A prática é recorrente há 40 anos e o lugar já está na memória afetiva do escritor.

“Sou feito de lugares e de pequeninos mitos. Minha terra, por exemplo, é algo que trago dentro de mim como coisa sagrada. Seus bichos, suas pedras, seus ventos, seu céu imaculado, seu sol de gumes perfurantes, tudo alimenta minha memória e meu ser. Certos animais, certas águas parcas, certos desertos compõem meu tecido humano. Quero botar o Bar do Baiano dentro dessa cartografia de espanto e beleza”.

**Alexsandra Tavares**, é jornalista, editora do Jornal A União e repórter do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

## Um verso novo

É um verso novo  
que surge no meio da noite,  
atônito, quase mudo.  
Nenhum tremor sacode  
o plasma do sentido.  
Nada vai mudar  
na melancolia das coisas.  
Que poesia tem força  
para conter a fúria  
dos fenômenos?  
A árvore, que ali está,  
não mudará de cor.  
O rio será o mesmo rio,  
lento, indiferente ao desamparo  
das águas.  
As estrelas, indispensáveis,  
falarão o idioma do júbilo  
e da piedade.  
A insônia trará suas feras,  
seus ácidos, suas sentenças.  
O sonho virá dentro do sono  
como vírus real, sem cura,  
a inconsistência, os erros,  
a falha.  
O verso recém nascido  
nada pode fazer.  
A poesia apenas observa  
o que não pode nomear.

## Antes de morrer

Antes de morrer,  
prometo a mim mesmo  
que irei à Grécia, pisar  
o mesmo chão encharcado  
de sangue que Sófocles  
adubou.  
Também me prometo  
fazer lições de canto,  
tocar a carne das harpas  
e dos violinos.  
Quero aprender as declinações  
do russo, antes de morrer.  
Ler a agonia original  
nos romances de Dostoiévski.  
Olhar, pela última vez,  
a minha Comarca,

acordar cedo e beber,  
antes de morrer, o leite  
sagrado da vaca holandesa.  
Antes de morrer,  
publicarei os volumes  
da obra completa,  
milhares de versos jogados  
à inutilidade da vida.  
Rever os olhos apagados  
do menino que fui debaixo  
da chuva, levado pelo vento  
dos dias.  
Antes de morrer,  
prometo me atirar do alto  
daquela pedra donde costumava  
espiar a beleza mundo.

poemas de

FOTO: JOÃO PEDROSA





# Hildeberto Barbosa Filho



## Pane

Não era eu  
quem estava comigo  
naquela noite.  
Perdi o prumo, o endereço  
de casa, a capacidade  
de escolha.  
Minha agenda não acusava  
mais nada.  
Ninguém me esperava  
sob a clâmide das estrelas  
Olhava as minhas mãos  
e não eram as minhas mãos.  
Não sabia se tinha filhos,  
desconhecia pai e mãe  
revolvi o chão de origem  
embriagado com o ácido  
do esquecimento.

Não sabia onde estava.  
Não havia mais o tempo  
dentro de mim,  
para me prender  
com seus cadeados nutridos  
pela ferrugem, pelo alho.  
As amadas desapareceram,  
os inimigos se enforcaram  
com as cordas de luz  
e betume.  
Um pequeno poeta  
me espiava, trepado nos cumes  
do desespero.  
Pesava nos meus nervos

Unindo duas de suas paixões, Hildeberto  
Barbosa Filho batiza os pássaros com os  
nomes de escritores favoritos

a placa de uma solidão  
desumana.  
Não era o estilete da morte.  
Era o clamor da vida.

(poemas do livro recém-lan-  
çado, *No fim de todas as coisas*)



Larissa Rodrigues  
larissa.733@gmail.com

/ afinal, o que quer uma mulher?

# Rua Helena Freire

Este ano, um dos bordões mais usados, ao qual só agora tive acesso, foi dito na época da minha infância. O bordão foi a famosa pergunta: “Que *Xou da Xuxa* é esse?”, feita por uma menina carioca, nos anos 1980. Essa pequena trazia consigo a indignação e o desejo de ser paqueta. Eu, assim como ela, também fui fã da Xuxa. Eu, assim como ela, também queria ser paqueta, mesmo sem ser loira. Lembro-me do primeiro programa da “Rainha dos Baixinhos”, inclusive da roupa azul e preta que ela usava quando saiu da sua nave. Xuxa parecia uma Barbie, e eu acreditava que ela voava e vinha à Terra para nos alegrar. Sim, fui uma criança que sonhava. Os cabelos loiros, os olhos azuis e o nariz fininho. Destoava não só da



FOTO: RONALDO THEOBALD/ESTADÃO CONTEÚDO

minha imagem, mas da imagem das minhas amigas de infância. Assim como da imagem da menina carioca.

Morava na rua Helena Freire, no Altiplano, bairro construído no final dos anos 1970. Acredito que, quando nos mudamos para lá, eu tinha uns quatro anos. A rua era meio deserta, mas não demorou muito para chegarem

Paquitas, assistentes de palco da apresentadora Xuxa Meneghel, em formação no final dos anos 1980

crianças, e a rua ter cara de brincadeira e traquinagem. Logo estava cheia de amigas e, algumas delas, carrego no coração até hoje. Éramos privilegiados, eu e meus amigos. Podíamos brincar na rua e andar de bicicleta. Também descíamos a ladeira que dava acesso à praia do Cabo Branco, sempre acompanhados de algum adulto, já que diziam que lá era perigoso. Lá eu também me sentia confortável para invadir a casa de Vanja, minha melhor amiga, que sempre estava com portões e portas abertos para mim. Não sei como Marcélia, sua mãe, suportava tantas crianças em seu terraço ou em sua calçada. Inclusive, meu passe lá ficou tão livre que fazia até refeições. Uma delícia comer com aquela família tão cheia de afeto. Todo domingo, o avô de Vanja trazia pastéis e uns pães doces, feitos por ele mesmo. Como era gostoso!

Foi nessa casa que eu e Vanja decidimos que poderíamos ser Xuxa. Nenhuma de nós possuía características físicas para isso. E quem se importava? O que realmente importava, para nós, era poder imaginar e ser feliz. O grande problema era que precisávamos revezar quem seria a Xuxa. E convencer as amigas mais novas de que elas sempre seriam as Paquitas ou as “crianças-fãs”. Não recordo como conseguimos isso, apenas sei que conseguimos. A vida fora da obrigação de estudar e de tirar boas notas era pura fantasia. Foram meses para conseguir comprar a bota da Xuxa, a saia curtinha para compor o *look* e, obviamente, os enfeites de cabelo para fazer o penteado da rainha. Durante meses ou anos, brincamos de *Xou da Xuxa*, inventamos que éramos ela e que recebíamos cartinhas de fãs.

Hoje, pensando sobre essa história, reflito que nunca questionamos por que todas aquelas paquitas eram loiras e porque a

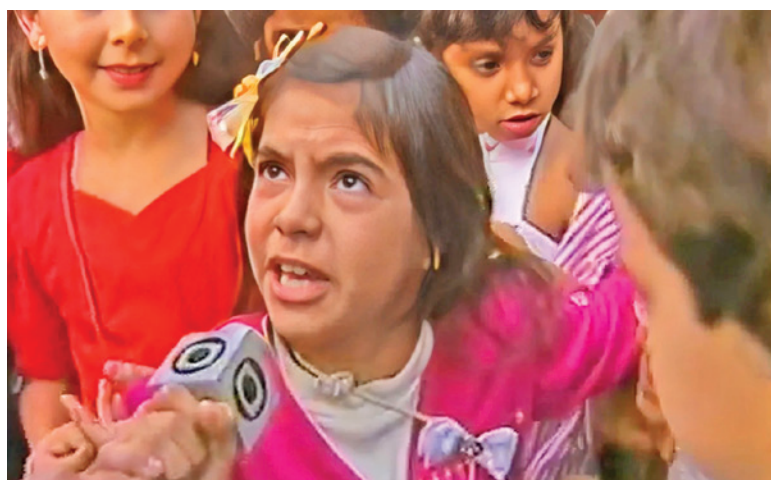


FOTO: REPRODUÇÃO/YOUTUBE

Patricia Veloso Martins virou meme “Que Xou da Xuxa é esse?” quando o vídeo dos anos 1980 foi exibido no documentário das Paquitas

Xuxa nunca representou o Brasil em suas características. Naquela época, a gente só queria diversão. Tanto que, quando acabou a graça, partimos para novas brincadeiras. Chegamos à conclusão de que seríamos atrizes e começamos a encenar peças teatrais. O diretor era Riquinho, que até hoje, por sinal, produz eventos pelo país. As peças eram engraçadas, e levávamos tão a sério que cobrávamos ingressos. O local, sempre o mesmo: a casa acolhedora de Marcélia. Lá, certamente, foi onde vivi os melhores momentos de minha infância. Gostava de desenhar e esse dom era reforçado quando o tio desenhista de Vanja vinha para João Pessoa. Uma vez por ano, tio Alex chegava do Rio de Janeiro e incentivava meu desejo pelo desenho. Vanja não gostava muito, sentia ciúmes do tio, mas nunca fez nada que não fosse me apoiar. Seu pai, que eu chamava de seu Lemos, nos deixava à vontade para assistir ao programa de Silvio Santos, aos domingos, em sua companhia. Ele se alegrava quando a gente acertava as perguntas. Ele foi a primeira pessoa que elogiou minha inteligência — outra coisa que minha amiga e, por que não dizer, irmã, dividiu comigo. Quanta generosidade!

Diferente dela, não vivia numa família tradicional com pai, mãe e irmãos. Cresci entre tios, primos e tratava meus avós como pai e mãe, o que me gerou problemas na escola. Ninguém acreditava, mas eu confiava que eles eram meus pais, e isso bastava. Hoje, compreendo o motivo da imaginação tomar conta de mim. A arte me salvou das diferenças. Me mostrou que eu podia sonhar e conseguir. A amizade de Vanja e — não posso esquecer — dos outros amigos (Vagner, Paula, Júnior, Riquinho, Eduardo, Juçara, entre outros) salvou e preservou minha inocência e minha alegria. Diferente da Patrícia Veloso e de tantas meninas que saíram de suas casas de madrugada para reverenciar Xuxa (e se frustrarem, tadinhas), nós fizemos da rua Helena Freire o nosso Projac. Conseguimos ser e fazer do chão de nossa infância um lugar seguro e divertido. E, se, algum dia, alguém me perguntar “Que Xou da Xuxa é esse?”, a resposta jamais será frustrada. Sou grata pelo nosso show que nunca foi da Xuxa nem de ninguém. Na Helena Freire, o show foi todo nosso.

**Larissa Rodrigues** é psicóloga clínica, psicanalista em formação e escritora. Autora do romance “O que as mulheres carregam nas bolsas”. Mora em João Pessoa (PB).

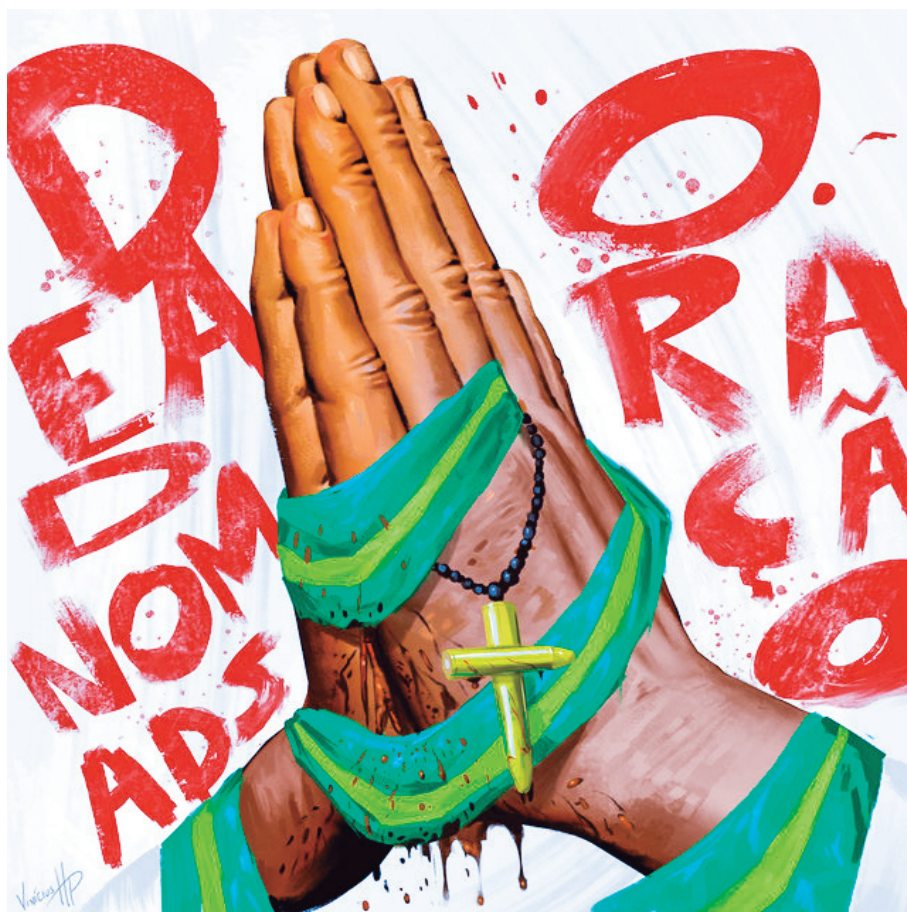


IMAGEM: VINICIUS HP/REPRODUÇÃO

Com arte de Vinicius HP, capa do "single" lançado no ano de 2022 pelo grupo Dead Nomads

## Música de protesto com muita consistência

Rodrigo Falcão

Especial para o *Correio das Artes*

A música "Oração", da banda Dead Nomads, foi um *single* lançado em 2022, retratando um momento difícil que o Brasil atravessou diante de um governo perverso. Ao mostrar toda a sua insatisfação, a letra consegue captar em sua essência toda indignação exacerbada em uma canção de protesto com muita consistência. Saravá, Dead Nomads! Viva o *punk rock* paraibano!

### "Oração"

Jansen Gomes / Dead Nomads

*Deus, que fé é essa  
que faz  
expandir  
a mentira  
pra confundir*

*Deus, como crer  
nos que dizem amar,  
se muitos veem malícia  
e um jeito de explorar*

*E que Deus é esse,  
que faz arma com a mão?  
diminuindo o pobre,  
desrespeitando opinião?<sup>1</sup>*

*Deus por que  
o Messias<sup>2</sup> não vai salvar  
os que precisam  
de alimento e um teto pra morar?*

*E que Jesus é esse,  
que dá osso com uma mão  
e com a outra, ouro  
pra sua milícia<sup>3</sup> de plantão?*

## Compreensão da música

O eu lírico questiona o tipo de divindade que alastra a maneira de ludibriar com a intenção de criar sofismo. Exemplo: “Que Deus é esse / que faz expandir / a mentira / pra confundir”.

Na sequência, a indagação continua ao eu lírico retratar a divindade na maneira de amar, pois muitos se aproveitam o “modo ardil” para explorar a fé das pessoas. Exemplo: “Deus como crer / nos que dizem amar, / se muitos veem malícia / e um jeito de explorar”.

A indignação, seguida pelo questionamento do eu lírico em relação à figura de Jesus, remete ao símbolo de uma arma num gesto, reduzindo aos mais pobres e desacatando o pensamento alheio. Exemplo: “É que Jesus é esse, / que faz arma com a mão? / diminuindo o pobre, / desrespeitando opinião?”.

Em seguida, a ironia do eu lírico é destacada de maneira assertiva ao comparar o nome de “Messias”, um falso profeta, com o Messias, a figura de Jesus Cristo para os cristãos, como alguém que não dá comida e nem moradia. Exemplo: “Deus por que / o Messias não vai salvar / os que precisam / de alimento e um teto pra morar?”.

No final, o eu lírico compara o tipo de divindade com Jesus, associando às pessoas necessitadas que recebem osso de um lado, e, do outro, supostas vantagens em ouro para milicianos, fazendo um contraste com a nossa realidade. Milícia — grupo armado que atua como uma máfia, como grupos paramilitares privados.

(1) — O eu lírico retrata a campanha do ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, que fazia o gesto de uma arma com a mão como uma espécie

de “slogan”, ao mesmo tempo de forma crítica e desrespeitosa, explorando também a religiosidade das camadas populares, sem se importar com a opinião alheia;

(2) — Se a figura do Messias, que é o sobrenome do ex-presidente Bolsonaro, é tão forte, o eu lírico questiona o porquê da falta de ajuda aos mais pobres com comida e moradia;

(3) — A ironia e revolta do eu lírico em relação ao momento difícil gera o questionamento

na estrofe, quando as pessoas pobres faziam fila para receber pedaços de ossos, em Cuiabá, no Mato Grosso, em 2022, contrastando com os favorecimentos dos correligionários de Bolsonaro. Nesse mesmo ano em questão, foi descoberto que o então ministro da Educação, Milton Ribeiro, favorecia pastores com ouro e dinheiro, em troca da liberação de recursos para a construção de creches e escolas. Ribeiro foi afastado, mas nunca foi punido, apesar da existência de um áudio comprometedor admitindo todo o esquema.



FOTO: REPRODUÇÃO/FACEBOOK

Formada em 1996, música da banda de punk rock paraibana conta com as reflexões de enfrentar momentos difíceis

Rodrigo Falcão, é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Tabajara FM com o quadro ‘Eu Lírico’ (2017-2018). Mora em João Pessoa (PB).

### Olhos pequeninos

Teus olhos pequeninhos  
fazem ninhos no meu olhar.  
Teus olhos acarinhados  
de tantos sorrisos afagados  
pela vida a emocionar.

Teus olhinhos cumpridos...  
de dores, aferidos  
a semicerrar .

Haaaa...teus olhinhos inocentes  
percorrem vertentes a me ignorar.

Teus olhinhos calados  
pela vida parados  
o céu a contemplar.

Teus olhinhos em prece  
oferece e esclarece  
a grande beleza secular.

### Plano Cartesiano

Quero explicar-te  
no plano cartesiano,  
que proíbo-me  
amar-te  
e colocar na folha em branco  
o desejo de enterrar-te  
no meu coração subumano.

O fim das coisas sem começo  
que não ousaram sair da memória tardia,  
perderam-se na ânsia dos fatos,  
das coisas plausíveis de fazer sentido  
que desnudam a história.

E o desejo ria  
das lágrimas que caia,  
e que nada atrevia  
frente ao inevitável,  
como a prévia  
de um sentimento amável.

E a volúpia foi velada  
a sete palmos de terra,  
enterrada.

E a escrita serifada,  
em letras vermelho escarlata  
crava não só na pedra o fim,  
mas na carne crua latente  
sem ter sido grifada  
o desejo evidente,  
de uma vida ausente  
incoerente e ceifada.



# de Vasconcelos

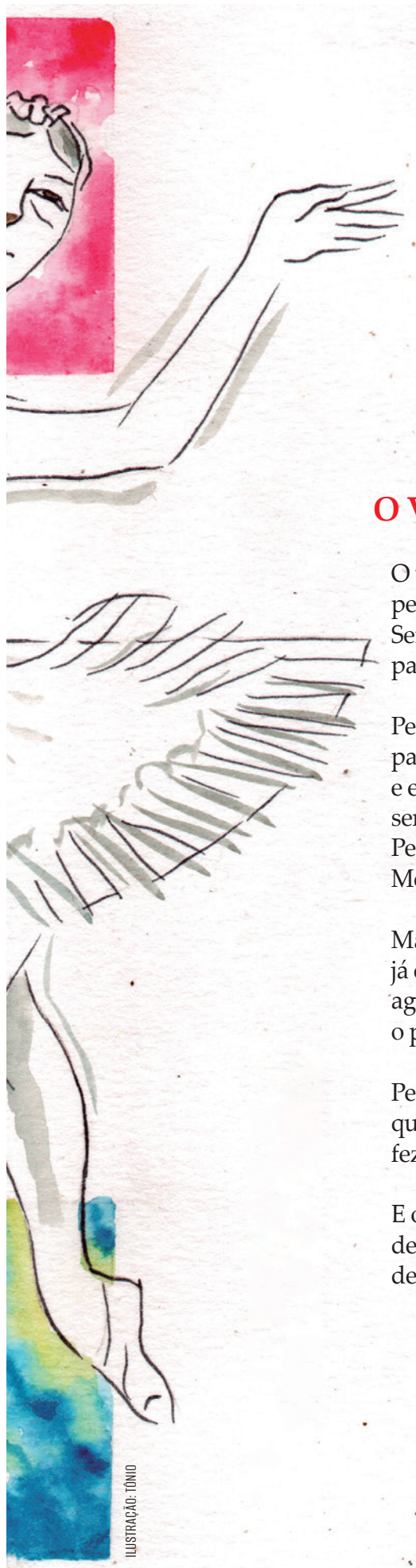


ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

## O Verso atrofiado

O verso de perna atrofiada  
pediu ajuda para levantar.  
Servi de sustentação  
para seu caminho ele trilhar.

Pediu-me e falou baixinho  
para as barreiras arrancar.  
e eu obedeci-lhe  
sem ao menos perguntar.  
Pedra por pedra no caminho  
Me pus a retirar...

Mas com o tempo e meu cuidado  
já conseguia se sustentar.  
agradecendo-me com carinho  
o peso da tinta que me fez gastar.

Pediu para versar a vida  
que embora atrevida  
fez base aguerrida do verbo amar.

E o verso cauteloso  
de sorriso largo e gostoso  
deu sustento ao sujeito-Amar.

## Os corais de sonhos

Sonhei certo dia  
que bailarinas bailavam  
num belo baile  
e em seu ritmo e coreografia  
estampavam em braille a melodia.

E uma bailarina solitária  
sexagenária  
despontou,  
entre o grupo que ali findou  
e em seus movimentos,  
construía sua vida  
sem argamassa e cimento,  
desiludida.

E ela soltou um riso  
e desse regozijo  
mais nada finalizou.

E o palco iluminou-se,  
do último raio que passou  
como se narrasse baixinho,  
entre as cortinas  
do palco da vida  
e das dores aguerridas  
que tornou-a desnutrida,  
de tudo que ela amou.

E os corais de sonhos  
foram pisados,  
enterrados,  
quando a melodia terminou.

**Giulliana Silva de Vasconcelos** é natural de João Pessoa (PB), formada em Comunicação Social (bacharelado em Relações Públicas — UFPB) e Licenciada em Letras Português (UFPB), além de ser especialista em Teoria Literária, Literatura Comparada, Docência do Ensino Superior e Psicomotricidade.



dramaturgia

FOTO: GUSTAVO MOURA/ARQUIVO A UNIÃO



# “Vau da Sarapalha”

e a epopeia de  
**Luiz Carlos Vasconcelos**  
para recriar  
**Guimarães Rosa**  
no palco

André Cananéa  
Especial para o *Correio das Artes*



Pelo QR Code acima, confira a entrevista com Luiz Carlos Vasconcelos para o programa “Respeitável Público”, da Parahyba 103.9 FM

Mais de mais de  
30 anos depois  
da sua estreia, a  
mais importante  
peça do Piollin  
voltará a ser  
encenada, em  
ocasião especial

KHSKJHHSKJHSDND



Um dos mais importantes — talvez o mais importante — espetáculo teatral da Paraíba irá voltar aos palcos. Criação do Grupo Piollin a partir do conto *Sarapalha*, de Guimarães Rosa (1908-1967), *Vau da Sarapalha* será reencenado em 2025. Foi o que garantiu o diretor Luiz Carlos Vasconcelos, em entrevista exclusiva à Parahyba 103.9 FM, rádio que compõe a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), da qual ainda fazem parte o Jornal **A União** e este *Correio das Artes*.

Luiz Carlos foi o convidado do último episódio da primeira temporada do programa *Respeitável Público*, um dos cinco *talk shows* que compõem a faixa das 18h da Parahyba FM (os outros são *Pincel e Lápis*, sobre artes visuais; *Um Livro, Uma Conversa*, literatura; *Ouça Um Filme*, cinema; e *História do Disco*, música). Programa voltado à memória do teatro, *Respeitável Público* com Luiz Carlos Vasconcelos foi ao ar pela 103.9 FM no dia 16 de outubro, e hoje encontra-se disponível nas plataformas de *podcast*, na internet.



Na página ao lado e acima: Everaldo Pontes (E) e Nanego Lira (D) são os primos acometidos por uma malária severa



FOTOS: GUSTAVO MOURA/ARQUIVO A UNIÃO

Primeiro personagem a ser apresentado na peça, o ator Servílio Gomes encarna o cachorro perdigueiro Jiló

Segundo o artista, a ideia de remontar o mais importante espetáculo do Piollin partiu de uma vontade da direção do Teatro Glaucio Gill, no Rio de Janeiro, onde o espetáculo estreou em novembro de 1992, dando início à circulação nacional da peça paraibana. O teatro está em reformas e deverá reabrir no início de 2025. “Eles querem que a gente inaugure essa nova fase do teatro montando *Vau da Sarapalha*, mais de 30 anos depois. Então, a gente voltaria a ter o espetáculo disponível para circulação, mas isso tudo é um processo. Vamos torcer para dar certo”, afirmou Vasconcelos à repórter Xavana Celesnah, da 103.9 FM.

Em linhas gerais, a peça narra a história de dois primos, Ribeiro (Nanego Lira) e Argemiro (Everaldo Pontes), ambos acometidos pela malária de maneira severa. Convivem com eles Negra Ceição (Soia Lira) e o perdigueiro Jiló (um cão vivido com maestria pelo ator Servílio Gomes). Sentados em um “toco” de madeira, extraído do tronco de um jambeiro que Luiz viu em uma casa no bairro do Róger, e acabou obtendo-o em uma permuta por um banco de madeira, os primos trocam reminiscências e confissões.



No espetáculo criado a partir do conto “Sarapalha”, de Guimarães Rosa, Soia Lira é a Negra Ceição

Ribeiro foi casado com Luísa, que fugiu com outro homem quando a malária chegou para o marido. Querendo morrer com a consciência limpa, Argemiro confessa à Ribeiro sua paixão pela esposa do primo, e esse é o mote da história, que tem trilha e efeitos sonoros executados ao vivo pelo músico Escurinho. Luiz Carlos Vasconcelos assina tanto a direção quanto a adaptação, cenografia, iluminação e ainda a coautoria da trilha sonora.

# Estreia do espetáculo

*Vau da Sarapalha* começou a ser apresentado em meados de 1992. Luiz Carlos Vasconcelos promoveu inúmeros ensaios abertos no galpão da Piollin, sede da companhia, em João Pessoa, antes da estreia oficial. Em um desses ensaios abertos, estava presente um embaixador radicado em Brasília, que foi até a Piollin a convite do então secretário de Cultura do Estado, o professor Iveraldo Lucena (1935-2020). “O embaixador viu o espetáculo num chão de cimento batido, poeira levantando de verdade, com o cenário pregado com prego no chão, já que o galpão (da Piollin) estava em construção, e isso vai detonar, porque esse embaixador vai nos convidar para irmos até Brasília, onde o espetáculo iria estreiar”, recordou o diretor.

Mas a ideia de estreiar formalmente *Val da Sarapalha* na Capital Federal acabou frus-

trada, uma vez que um herdeiro de Guimarães Rosa proibiu a montagem, alegando que deveria receber os direitos autorais pela adaptação, então forçando a estreia a se tornar um grande ensaio aberto. “Ele queria receber em dólar (pelos direitos

autorais)! A gente nem sabia o que era isso! De qualquer forma, houve toda uma história de desdobramentos que a gente não esperava, e, a partir daí, a gente recebeu convites do mundo todo para encenar o *Vau da Sarapalha*”, contou Luiz Carlos.

Acertada a burocracia, a peça chegou ao Rio de Janeiro no final de 1992 para, enfim, marcar sua estreia no Teatro Glaucio Gill, citado no começo deste texto. Na plateia estava a exigente crítica Barbara Heliodora (1923-2015). Na edição do jornal *O Globo*, datado de 15 de dezembro de 1992, Heliodora lembrou que o espetáculo paraibano era baseado no conto *Sarapalha*, de Guimarães Rosa, “mas adquire vida própria na encenação, tão forte que conduz o carioca urbano que se queixa da vida cercada dos confortos do século 20 (mesmo que nem sempre funcionem) a tomar consciência da devastadora indigência em que vive (???) e morre uma parcela de seus compatriotas, seus irmãos de sangue”.

Ela também ressaltava que *Vau da Sarapalha* era “ilusoriamente simples e extraordinariamente elaborado”, explicando que “assim como o conto é uma fábula e não uma descrição, os atores apresentam a ‘imagem de’ tudo o que fazem, detalhando cada ação, a ponto que ela supera e abandona o realismo para adquirir nível muito mais amplo e profundo de comunicação”.



**Era muito comovente ver aquele cachorro quase se humanizar na separação daqueles dois primos apaixonados por uma mesma mulher. Foi muito forte!**

Luiz Carlos Vasconcelos



Jovem Luiz Carlos Vasconcelos, que assinou tanto a direção do “Vau da Sarapalha” quanto a adaptação, cenografia, iluminação e a coautoria da trilha sonora (ao lado de Escurinho)

# Guimarães Rosa

Ambientado no Sertão de Minas Gerais, terra do autor Guimarães Rosa, *Sarapalha* integra o livro *Sagarana*, lançado em 1946. Luiz Carlos conheceu o texto quando cursava Letras na Universidade Federal da Paraíba dos anos 1970, a partir de um exercício de leitura proposto pelo professor Evaristo, que havia trocado a USP, em São Paulo, pela UFPB. “Quando eu li o conto, ele foi de um impacto... eu pranteei muito, chorei muito! Era muito comovente ver aquele cachorro quase se humanizar na separação daqueles dois primos apaixonados por uma mesma mulher. Foi muito forte! Eu disse: eu tenho que contar essa história!”, recordou o diretor.

A presença de um cachorro na história fez com que Luiz Carlos pensasse em rodar um curta baseado no texto, mas uma temporada na Dinamarca o fez mudar de ideia. Lá, ele estudou na renomada escola de teatro Odin Teatret, dirigida pelo reconhecido Eugenio Barba. “Quando eu voltei, minha cabeça abriu: é teatro! Então, um ator pode fazer esse cachorro! Foi quando eu convidei Servílio e a gente partiu para montar *Sarapalha*, que passou a se chamar *Vau da Sarapalha*”, contou no programa *Respeitável Público*.

Luiz Carlos revelou que incluiu o “vau” para que o espetáculo tivesse identidade própria, diferenciando-se do conto escrito por Guimarães. “O conto se passa num lugar de charco, um riachinho raso, propício aos mosquitos, à maleita... então vau da sarapalha ou seja, o raso da sarapalha, era aquele raso, aquela área úmida. Hoje, eu gosto muito que eu tenha chegado nesse nome”.

Luiz Carlos Vasconcelos adicionou mais elementos ao conto, como, por exemplo, desenvolver a personagem Negra Ceição, que no texto de Guimarães Rosa é apenas uma coadjuvante que surge na história para oferecer doses de aguardente aos protagonistas moribundos. “Nós desenvolvemos a história dela, enquanto uma mulher que lida com encantamentos. Essa é uma grande novidade formal que eu

ponho na peça, os dois homens, sentados naquele tronco, e a viagem dela para o lago para fazer encantamentos. Isso não está no conto”, afirmou, detalhando que a personagem vivida por Soia Lira “é quase como uma bruxa”, e que vai prever a ruptura dos primos ao fazer a leitura de pedaços de uma panela que se quebrou. “É um grande momento dramático do espetáculo”, frisou o artista.

## Teatro antropológico

O primeiro contato do jovem Luiz Carlos Vasconcelos com Eugenio Barba se deu ainda no Brasil, no Rio de Janeiro, por meio de uma oficina que, embora o paraibano não estivesse inscrito, ele deu um jeito de ouvir Barba falar. Aquilo abriu novas perspectivas ao futuro diretor de *Vau da Sarapalha*.

Vasconcelos morava no Rio de Janeiro quando ficou sabendo que Eugenio Barba estava na cidade e faria uma palestra no Instituto Italiano de Cultura. “Não sabia nada dele, apenas sabia que era uma coisa importante, e que ele estava ligado à antropologia teatral”, recordou. “Quando escuto a palestra do Eugenio, eu piro, porque o que ele indicava era o que eu fazia! Eu já fazia antropologia teatral e não sabia. Ele me dava o conhecimento teórico que não tinha para entender o que eu fazia”, acrescentou.

Para Luiz Carlos, o teatro antropológico, que vem da antropologia clássica que estuda o comportamento humano, está apoiado numa realidade. Ele explica: “Quando você pega e põe um cachorro (na peça), você está fazendo um recorte ousado dessa realidade, dessa condição hu-

mana. É nesse viés de um teatro focado nessa realidade e com margem a sugestões que a gente atua. Eu posso sugerir algo, sem fazê-lo exatamente, sabe?! Por exemplo, Servílio, deitado no chão e o pezinho batendo, estou sugerindo com isso que é a cauda do cachorro, que fica batendo enquanto ele dorme ali. Então isso abriu a cabeça da gente”.

FOTO: PARAHYBA FM



Veterano Luiz Carlos Vasconcelos nas dependências da Parahyba 103.9 FM, quando participou do programa “Respeitável Público”

# Montagem arrojada

Marco não só no teatro paraibano, mas também no teatro brasileiro, *Vau da Sarapalha* passou 10 anos em cartaz, rodou o mundo e colocou muitos prêmios na estante do Grupo Piollin. Na entrevista ao programa *Respeitável Público* da Parahyba 103.9 FM, Luiz Carlos Vasconcelos não soube mensurar as inovações de tal espetáculo, mas admitiu que, quando o grupo montava a peça, o diretor percebia que havia elementos novos que estavam despontando ali e que iria provocar impactos na dramaturgia nacional.

Para ele, a repetição de certas ações era algo inovador, e partiu do próprio conto de Guimarães Rosa. A obra começa repetindo três vezes a seguinte sequência: os primos acordam, saem do cobertor que os abrigava da febre e do frio; o cachorro, próximo aos dois, balança a cabeça e sobre ele, Ribeiro e Argemiro dizem: —Vida melhor do que a nossa! Quando esse ciclo se conclui, começa tudo de novo. E mais uma terceira vez. “Na peça, eu fazia isso em velocidades diferentes: a primeira vez se arrastando, bem lento; a segunda vez normal e a terceira, acelerado”, complementou Vasconcelos.

“O não naturalismo é a mola mestra da composição cênica”, refletiu Luiz Carlos. “Por exemplo: os primos-protagonistas estão com cobertores. Em determinado momento, eles dispensam os cobertores no chão. Não fazem isso de uma maneira normal, natural. Eles enrolam uma mão na outra, como um novelo que viram duas bolotas, e eles alongam os braços de uma maneira anormal e soltam as bolotas ao mesmo tempo”.

“É tudo feito de uma maneira não natural”, esclareceu Luiz Carlos. “Vira uma poesia, uma dança. O espetáculo foi convidado para festivais de dança, afinal muita gente considerava a peça uma coreografia! Eu sabia desses elementos, que haveria um impacto (sobre a dramaturgia brasileira). Logicamente, eu estava antenado. Sempre tentei estar antenado com o teatro que era feito no mundo inteiro”.



FOTO: ARQUIVO A UNIÃO

Vasconcelos como Palhaço Xuxu: “alter ego” surgiu com intuito de criar vínculos com a comunidade no Bairro do Róger, na capital paraibana

## O Palhaço Xuxu

Natural de Umbuzeiro, no interior da Paraíba, e formado em Letras pela UFPB, Luiz Carlos Vasconcelos ganhou o palco e as telas. Aos 70 anos de idade, completados em junho deste ano, o ator é comumente lembrado pelo papel de Lampião no filme *Baile Perfumado* (1996) dos pernambucanos Lírio Ferreira e Paulo Caldas, e

pela interpretação do médico Drauzio Varella em *Carandiru* (2003), de Héctor Babenco. Também está na recente série *Cangaço Novo*, da Prime Vídeo.

Com apenas 23 anos de idade, Luiz Carlos foi um dos fundadores da Escola de Teatro e Circo Piollin, companhia que nasceu em 1977, tomando emprestado o nome

do Palhaço Piolin, personagem do ator Abelardo Pinto (1897-1973) e um dos grandes destaques da Semana de Arte Moderna de 1922. Dirigiu espetáculos premiados, como o já citado *Vau da Sarapalha* para a Piollin, e *Suassuna: o Auto do Reino do Sol*, da companhia carioca Barca dos Corações Partidos.

Foi por conta de outro palhaço que Luiz Carlos ganhou notoriedade. Pela mesma época que ele, Everaldo Pontes e outros atores uniam força para criar o Grupo Piollin, Vasconcelos criava um *alter ego* que continua a lhe acompanhar pelos palcos: o Palhaço Xuxu.

Para a repórter Xavana Celesnah, Luiz Carlos detalhou como Xuxu surgiu: “Éramos muito jovens, estávamos na época *hippie*. Eu tinha um cabelo quase na bunda, usava aquele sacolão/mochilão do lado. Ou seja, havia uma aura de preconceito em volta daquela minha figura, e a comunidade ali, do Róger, me olhava dos pés à cabeça com todos os rótulos que você possa imaginar, de maconeiro... ao que fosse! E eu disse para mim mesmo: tenho que criar um vínculo com essa comunidade, independente das nossas aparências físicas, e é aí que surge a ideia de um palhaço, afinal ninguém quer saber quem está por trás da máscara do palhaço”.

Mas foi todo um processo para o Palhaço Xuxu vir a público. Ele decidiu que, todo sábado, às 15h, iria para a rua vestido de palhaço. “Mas cadê a coragem?!”, revelou. Foram três meses se produzindo, mas sem a ousadia de colocar os pés na rua. Para piorar, ainda havia marginais ameaçando o ator com faca em punho, bêbados inconvenientes e todo tipo de tensão cercando Luiz Carlos.

“Todos sábado eu ia lá, me pintava — improvisando, afinal eu não tinha nenhum material, não tinha uma piada e meu palhaço não era de contar piada,



FOTO: ARQUIVA UNIAO

“Os Pirralhos” (1978), um dos primeiros espetáculos da Piollin e o primeiro dirigido por Luiz Carlos Vasconcelos

então eu não tinha uma ação, uma *gag*, não tinha nada! Eu costumava dizer que eu só tinha um ‘boa noite’ com a voz empostada”, recordou, “Eu passeava lá no baixo Róger, sabendo por onde eu iria, já tinha escolhido as ruas, mas o palhaço chegar lá é que não conseguia”.

Certo sábado, uma amiga de Luiz Carlos de nome Edinha resolveu dar uma carona ao Palhaço Xuxu da Piollin, onde ele se preparava, até o Bairro do Róger. O artista ainda não sabia, mas Edinha tinha um plano. Porém, ele também tinha seu próprio plano.

Ao aceitar a carona no Fusca da amiga, Luiz Carlos, já todo paramentado com o personagem, foi no banco de trás, pois os tradicionais “sapatos de palhaço” eram grandes e não cabiam na frente. Então, ele pensou que, quando ela parasse o carro, ao invés de sair desfilando pelas ruas, o inédito Xuxu sairia do carro, mas apenas para trocar o assento de trás pelo da frente. Mas para quebrar o medo de Luiz Carlos de expor o palhaço, Edinha tinha outra ideia: arrancar com tudo

assim que ele descesse do carro. E assim ela o fez, acelerando o Fusca ainda com a porta aberta e deixando Luiz Carlos “jogado de palhaço nas ruas do Baixo Róger”, como ele divertidamente narrou na Parahyba FM. “Eu pensei: ou eu volto correndo para a Piollin, ou eu encaro (as ruas), e eu resolvi encarar”, revelou. E, como ele mesmo disse, assim nasceu uma aventura que durou os próximos quatro anos.

Na entrevista à rádio Parahyba 103.9, ele também fala do orgulho que teve ao encenar *Os Pirralhos*, um dos primeiros espetáculos da Piollin e o primeiro dirigido por Luiz Carlos, em 1978, com um elenco mirim que viria fazer história no teatro paraibano, com nomes como Soia Lira, Nanego Lira, Marcélia Cartaxo, Lincoln Rolim e Eliézer Rolim, e dos obstáculos que precisou transpor para que a Piollin tivesse uma sede, no coração de João Pessoa.

**André Cananéa** é jornalista profissional atuando há 30 anos na imprensa da Paraíba. Atualmente, ele é gerente executivo da Rádio Parahyba 103.9 FM, veiculado da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). Mora em João Pessoa (PB).

# José Nêumanne Pinto:

a preparação da travessia

Francisco Gil Messias  
Especial para o *Correio das Artes*

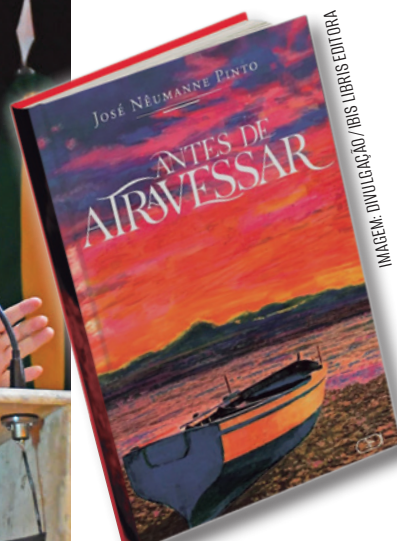
O jornalista e escritor José Nêumanne Pinto, paraibano de Uiraúna e paulistano por necessidade de trabalho (ou será por opção?), confirma, em grande estilo, sua vocação poética com esse *Antes de Atravessar* (Ibis Libris, Rio de Janeiro,



FOTO: ROBERTO GUEDES



Jornalista e escritor José Nêumanne Pinto mostra sua vocação poética com a antologia "Antes de Atravessar"



2022), do qual só agora tomei conhecimento, por meio de um texto de Milton Marques Júnior, que a ele se refere rapidamente, mas o bastante para despertar minha sempre alerta curiosidade de leitor. Para quem o supõe apenas jornalista — aliás, um grande jornalista —, é preciso esclarecer que ele, além de poeta, também é um consumado romancista, reconhecido nacionalmente. É um legítimo homem de letras, na mais alta e ampla expressão da palavra. Um intelectual dos maiores do Brasil, goste-se dele ou não. E digo isso porque ele é assumidamente polêmico, não teme as controvérsias e enfrenta, com coragem, adversários e até inimigos, se os tiver. Nisso, honra



IMAGEM: REPRODUÇÃO/MUSEU DE BELLES ARTS DE VALENCIA

os homens e mulheres de sua terra natal, os quais não fogem à luta.

Antes de atravessar o quê? O rio Estige, ora, aquele que separa o mundo dos vivos do mundo dos mortos, o reino de Hades. E Caronte é o barqueiro dessa travessia que não tem volta. Daí o pequeno barco na margem do rio que ilustra a capa do volume. E os seguintes versos do poema *Antes de atravessar*, que abre o livro:

*Mulher, me diz aí  
com quantos paus  
se faz uma canoa  
para cruzar o Hades  
bem devagar,  
devagarinho,  
remanchando,  
contando lorota pro barqueiro,  
histórias de Trancoso,  
contos da carocha.*

*Mulher, traz a viola  
pra eu cantar umas chulas  
lá de Santo Amaro  
e pinga de Bananeiras  
pra deixar Caronte tonto.*

O poema segue nessa toada meio zombeteira, de quem tenta levar a empreitada da travessia e o seu mítico condutor numa certa galhofa. Digo uma certa galhofa, porque percebe-se, por baixo dela, a seriedade da coisa e o temor, para não dizer “terror”, que domina o galhofeiro a ser conduzido no barco lá para os lados do além. São, pode-se supor, as derradeiras provocações de Eros, afinal submisso, sobre Tânatos, vencedor. O humor, sabemos, é sempre uma forma eficaz de resistência. E, contra esse adversário incontornável, talvez seja a única arma possível aos que serão fatalmente vencidos de um jeito ou de outro. Mas sem pressa, espera o autor — e esperamos nós.

Pintura do espanhol  
José Benlliure  
Gil (1855-1937)  
representando o  
Caronte, barqueiro que  
transporta as almas do  
mundo dos vivos para  
o mundo dos mortos

E por falar em Eros, eis uma presença avassaladora no livro. O poeta canta a sua musa praticamente do começo ao fim da obra. Explicitamente, a primeira parte do volume é intitulada *Poemas para Isabel*, a amada absoluta, rainha do bardo voluntariamente — e prazerosamente — avassalado, que lhe escreve os seguintes versos no poema *Isabel, Mar e Minas*:

*Isabel é meu Brasil que vale a pena:  
o Brasil dos Bonifácios,  
o Brasil de Tiradentes,  
o Brasil de Villa-Lobos,  
Tia Ciata, Pizindim e Heitor dos Prazeres,  
de vaqueiros cavalgando em caatingas  
e boiadeiros guiando boiadas em lonjuras,  
o Brasil de Antônio Jobim e de Portinari,  
o Brasil de camponeses ferindo dedos  
ao catar capuchos de algodão  
e de operários na fila do ônibus,  
dos bondes que não andam mais  
e da solidão dos caminhoneiros.*

O poeta canta o amor-sentimento e o amor-sexo voluptuosamente, como quem degusta uma fruta suculenta tirada do pé, à margem de uma pedregosa estrada que vem de longe, muito longe, de lugares e tempos que ficaram para trás. Esse amor que, para ele, percebe-se, surgiu como um prêmio inesperado, quase ao final do jogo. Uma taça dourada que o bardo ergue orgulhoso e agradecido, dádiva que talvez ele julgue imerecida de tão grande. São bonitos os seus poemas de amor maduro, tão frescos que até parece que o poeta tem 20 anos. Ah, o poder rejuvenescedor das paixões...

E mais à frente, o poeta volta a dialogar com a “indesejada das gentes”, em fidelidade ao tema maior do livro. No poema *Será uma vez*, ele se mostra alti-

vo na derrota inevitável, resgatando os brios sertanejos, parte mais autêntica e profunda de seu ser cosmopolita de homem do mundo:

*Quando chegar a visita que não  
se espera,  
não lhe servirei café na xícara  
nem terei palavras para lhe saudar a entrada.  
Quero estar mudo como a matéria, que serei de novo,  
pois quanto mais houver silêncio num adeus,  
mais comovido será o momento.  
Não importa quanto o tempo vivido,  
pois será sempre escasso.  
Nem a saudade que fica conta,  
pois sempre haverá o vazio imenso...*

Belas palavras. O livro inteiro é belo. Para mim — e para tantos —, uma feliz revelação. Assim como foi também o livro de poemas de Darci Ribeiro, outro dionisíaco inconformado com o chamado de Tântatos; Darci, devoto de Eros até o fim. Os poemas de José Nêumanne Pinto mostram seu completo domínio artesanal das palavras e uma nítida densidade de substância. Forma e conteúdo se unem na criação de sua arte poética de qualidade. Arte que já se via em livros anteriores, diga-se, mas que agora alcança uma altitude admirável.

Uma observação: na orelha da contracapa há uma foto do poeta a sorrir. Será um contrapeso à gravidade do assunto principal do livro? Uma explícita provocação ao taciturno Caronte?

Que a travessia de Nêumanne ainda demore muito. Que o barqueiro se distraia com suas brincadeiras (em sua terra, dir-se-ia presepadadas). Para que possamos todos, desta margem do rio, acompanhar por bastante tempo a produção desse escritor de escol, riqueza de Uiraúna, da Paraíba e do Brasil.

**Francisco Gil Messias**, é bacharel em Direito pela UFPB, mestre em Direito do Estado pela UFSC e foi procurador federal junto à UFPB. É autor de livros como *O Redator de Obituários: Crônicas, Artigos e Talvez Ensaíos* – esta, a sua obra mais recente. Mora em João Pessoa (PB).



# A. J. Pereira e Silvino Olavo: poetas e amigos

Rau Ferreira

Especial para o *Correio das Artes*



Paraibano de Araruna, Antônio Joaquim Pereira da Silva (1876-1944) foi crítico literário e também atuou em alguns jornais e revistas da então capital federal, Rio de Janeiro

Nasceu Antônio Joaquim Pereira da Silva em Araruna, na Serra da Borborema, aos 9 de novembro de 1876. E foi aos 14 anos de idade para o Rio de Janeiro, onde cursou o Liceu de Artes e Ofícios, trabalhou na Estrada de Ferro da Central do Brasil e fez Escola Militar; oficiou nos Correios, foi crítico literário e também atuou em alguns jornais e revistas da então capital federal. Bacharelou-se em Direito e foi no-



ILUSTRAÇÕES: TÔNIO

meado juiz de Direito no Paraná; demitindo-se, porém, retornou ao seu retiro carioca onde se dedicou às lides literárias.

Silvano Olavo da Costa foi ao toque da alfazema, vindo à luz na Banabuyé em 27 de julho de 1897. Ele trabalhou nos

Poeta Silvano Olavo da Costa (1897-1969) dedicou todo um capítulo de seu livro "Cysnes" (1924) para A. J. Pereira: "O mestre, meu irmão mais velho na mesma dor estética"

Correios, revisou jornais e publicou nas principais revistas de sua época. Cursou o bacharelado em Direito, sendo nomeado 1º promotor da capital paraibana, em março de 1926, pelo presidente João Suassuna (1924-1928), ocupando naquele mesmo ano cargo no Conselho Penitenciário, antes de ser chefe de gabinete do presidente João Pessoa (1928-1930).

Não sabemos ao certo em que momento surgiu a amizade com A. J. Pereira da Silva, mas o certo é que Silvino lhe dedicara todo um capítulo de seu livro *Cysnes* (1924):

“O mestre, meu irmão mais velho na mesma dor estética”.

Olavo ao tratar da indicação do amigo para ocupar vaga na Academia Brasileira de Letras (ABL), em artigo publicado n’ *A União*, no dia 10 de dezembro de 1925, comenta a fundo *Solitudes* (1918), segundo livro de versos de Pereira da Silva, editada por Jacintho Ribeiro dos Santos.

Na abertura do mencionado livro, é o próprio autor quem escreve sobre a sua estética:

*É meu tormento. Chamam-lhe poesia,  
A arte do verso. Chamo-lhe o madeiro,  
A Cruz da minha noite e do meu dia.*

*Cruz em que verto o sangue verdadeiro,  
E em que minh’alma em transes agonia  
E o coração se crucifica inteiro...*

(Pereira da Silva. *Solitudes*: 1918).

Silvino, apelidado de “O poeta dos *Cysnes*”, inicia o seu estudo com um pequeno conceito sobre o colega de letras:

“O artista silencioso de *Solitudes* é, por educação e por temperamento, uma alma em perpétuo retiro de beleza”.

E assim prossegue:

“Simples, sincero na sua displicência para os fascínios da glória, *comuvente* (sic) na sua modéstia que às vezes raia pela timidez, vive afastado do bulício das *cotterles* literárias, meditando em silêncio os seus motivos de arte, indiferente à maledicência ou à consagração dos mediócras”.

Em sua síntese, destaca os principais pontos desta obra de Pereira da Silva, na

época em que fora indicado para a Academia Brasileira de Letras (ABL), candidato à vaga de Olavo Bilac:

“Truísmo intolerável seria, para quantos conhecem o Brasil a arte de Pereira da Silva, asseverar que a confirmação desse propósito significa apenas um justíssimo louvor à obra desse grande poeta.

Em todo o ciclo da nossa história literária, a personalidade de Pereira da Silva se destaca, não como o autor de uma arte poética nova, mas como o autor incontestável de uma poesia inteiramente à parte. Entre os da geração em que surgiu, ao lado dos últimos *abencerragens* (sic) da escola já agora renegada de quase todos, o grupo simpático dos neorromânticos, a figura inconfundível deste *solifugo* (sic) de gênio aparece como o mais profundo e o mais sentido de todos os nossos poetas.

É o mais sincero dos nossos cantores. Conheço de perto a fé quase religiosa com que ele se dedica ao mister da sua arte aureolada.

Para ele a poesia não é um passatempo. É um aposto ao de renúncia e piedade.

Poeta de vocação, eleito pelas forças sutis da natureza para interpretar lhe a dor, em seus múltiplos aspectos, marcha silencioso e resignado sem olhar em torno, imerso na deliciosa abstração do seu doce evangelismo de bondade.

Olhos fixos no ideal, alça-se, sonambulo, ao seu alto jardim de misticismo, nas asas poderosas do sono, para depois, voltando à realidade, colher aí a dolorosa convicção de que na vida será sempre mal interpretado o seu afã de andar derramando sobre a cabeça das multidões sequiosas de consolo, esse esquisito aroma do sentimento.

Ninguém jamais foi tão longe na compreensão da dor humana.

Se a dor cósmica, em toda a sua ecumênica afeição, sentiu-a como ninguém Augusto dos Anjos, cuja síntese suprema é o seu lamento das coisas, a dor consciente dos homens tem o seu maior intérprete no autor de *Solitudes*.

O seu pessimismo é amargo, mais não é desesperado como o de Leopardi — o *cysne* preto de Recanti ou como o de José Dura — o infeliz tuberculoso do “fel” que, por se saber irremediavelmente perdido, tinha ódio a toda gente de saúde.

Ao contrário disso, o nosso poeta veio de perfeição em perfeição moral até chegar a esse estado de beatitude que transforma os seixos do caminho em ânforas de nardo e leva à suprema piedade daquele verso de Emiliano Pernetá:

— “Vamos rezar pelos que são felizes”.

Sua sensibilidade excepcional lhe causa múltiplos tormentos que as suas forças interiores entretanto não permitem explodir em lenitivas inúteis mas trabalham a sua serenidade filosófica e a sua nobre intuição de beleza.

De todos os traços decisivos e fundamentais de seu caráter, nenhum contribui mais para definir a sua fisionomia moral de que esse fundo de tristeza que não deblatera, enraivecido, mas se resigna, bondoso, na crença de que só para além do “aqui jaz” poderá saciar a sua sede do íntimo levando consigo o profundo segredo da sua musa endolorada:

— *Musa da minha dor! Que de ventura sisto  
Em pensar que vais ter ao menos todo o instinto  
Da terra maternal de que és, também oriunda,  
Musa da minha Dor, efêmera e profunda!*

O individualismo estético de Pereira não reside na forma considerada hoje, para os que acreditam no valor absoluto do processo como a pedra de toque nas definições artísticas.

A sua técnica, embora sujeita às prescrições acadêmicas, tem o cunho personalíssimo do seu estilo. E a sua arte o é, sobretudo, porque revela uma maneira própria de considerar o existente:

*Se a morte é sempre o véo que o gênio não descerra,  
A vida é o mesmo pó e a terra atrai a terra.*

Eis aí a maneira muito pessoal de sentir deste poeta que a Parahyba tem a honra de lhe haver embalado a infância na pitoresca vila de Araruna.

Apesar de ter isso de cá muito menino, de haver feito toda a sua formação no Rio de Janeiro, onde viveu sempre vida de sonhador, vida meditativa e repousada de homem afeito às grandes resignações, não esqueceu ele os quadros rústicos da sua terra.

Há nos seus livros algumas homenagens a estas reminiscências que ficaram na sua alma de paraibano.

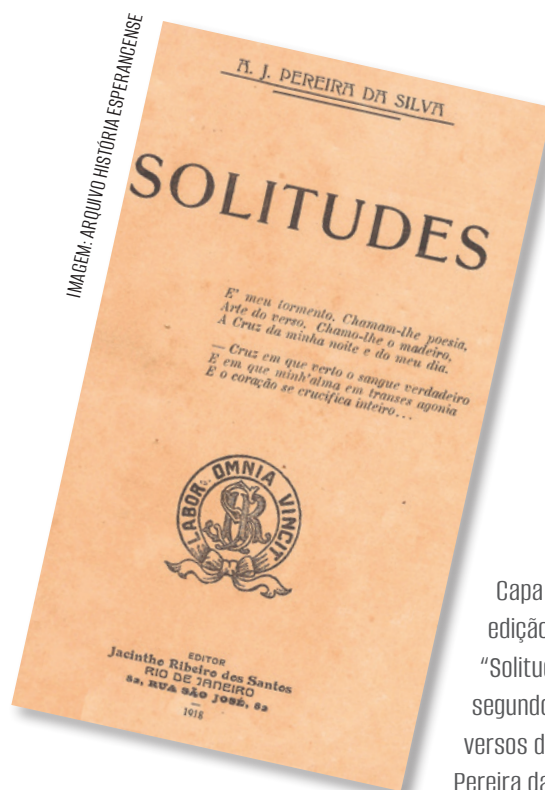
A Parahyba não deve ser indiferente a ascensão gloriosa do seu filho que tão nobremente a vem honrando nos centros de maior consagração intelectual do país”.

Pereira da Silva, tendo sido vencido no pleito por Amadeu Amaral (1925), retornou à disputa em 1933, e foi eleito para a cadeira de nº 18, cujo patrono é João Francisco Lisboa, em 23 de novembro daquele ano, tomando posse no dia 26 de junho do ano seguinte. Faleceu em 11 de janeiro de 1944.

Silvino, nos anos 30 do século passado, acometido de surtos esquizofrênicos, foi internado na Tamarineira, um centro de tratamento do Recife, no Estado de Pernambuco, onde permaneceu até ser transferido para a Colônia Juliano Moreira, no município paraibano de João Pessoa.

Após obter alta médica, passou o Natal de 1952 em companhia dos seus pais e da família na cidade de Esperança (PB). Em seus intervalos de lucidez, produzia poemas e eternizava a sua musa Badiva em páginas em branco de livros e folhas avulsas, livro que veio à lume em 1997.

Patrono da cadeira nº 25 da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), com assento de nº 14 da Academia Paraibana de Poesia (APP) e cadeira nº 33 da ACCSL – Litorânea, faleceu Silvino Olavo em 26 de outubro de 1969, vítima de complicações renais, no Hospital Dr. João Ribeiro, em Campina Grande (PB).



Capa da primeira edição da obra “Solitudes” (1918), segundo livro de versos de A. J. Pereira da Silva

Rau Ferreira é membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), atual ocupante da cadeira 35, que tem por patrono Silvino Olavo.

# Aquários, cavernas e gaiolas

“O Aquário e o Samurai — Uma Leitura de Michel Foucault” faz uma profunda e meticulosa dissertação dos textos de um dos “monstros sagrados” da literatura e da ciência social francesa

**Clemente Rosas**

Especial para o *Correio das Artes*

Meu amigo Luciano Oliveira, mestre e doutor em Sociologia, autor de vários trabalhos publicados por conceituadas editoras nacionais, acaba de lançar no Recife, Pernambuco, em segunda edição, o livro *O Aquário e o Samurai — Uma Leitura de Michel Foucault*. Nele, faz uma profunda e meticulosa exegese dos textos de um dos “monstros sagrados” da literatura e da ciência social francesa, daqueles muito louvados pelo mundo acadêmico brasileiro, mas certamente pouco lidos e compreendidos.

O título não me parece feliz, pela diversidade dos conceitos, mas Luciano é presto em informar que não é dele, e sim de um dos amigos de Foucault, Paul Veyne. E vem da concepção foucaultiana de que os homens são comparáveis a peixinhos de um aquário, que só veem o mundo como o limitado espaço onde se encontram, enquanto o samurai seria aquele que, trasmudado em guerreiro, insurge-se contra tal prisão, e a denuncia e combate. O aquário é uma alegoria das criaturas humanas vivendo irremediavelmente sob o jugo de uma “sociedade disciplinar”, como meros “efeitos do poder”.

Aliás, antecipemos, a atitude de Foucault em relação à sociedade é bem sectária: não admite que tenha havido nenhum progresso nas relações humanas, no que se refere ao controle das ações antissociais. Para ele, pouco difere o esquartejamento de um condenado, no século 17, da prisão de um delinquente em nossos dias. No primeiro caso,

castiga-se o corpo do infeliz, no segundo, a alma do criminoso encarcerado. O poder do estado apenas se compraz em *Vigiar e Punir*, que é o título do seu livro mais importante. E ele vai mais longe, incluindo e equiparando, em tal processo de opressão aos divergentes, o hospício, a escola, a fábrica... que mais? O poder, como um avantesma, condiciona tudo.

Mas voltemos à imagem do aquário e dos peixinhos, onde se pretende demonstrar a dominância do poder sobre a razão humana e suas conquistas, em um suposto livre-arbítrio. Na verdade, a questão é bem antiga, e tem motivado outras alegorias: a caverna de Platão, a gaiola de canário de Machado de Assis... No *Mito da Caverna*, Platão imagina um lugar isolado do mundo exterior, de cuja existência seus ocupantes só teriam notícia através de sombras projetadas numa parede. No conto *Conversa de Canário*, o mestre Machado, dando voz ao passarinho, nos dá conta de sua visão do universo: os limites de sua gaiola. Em ambos os casos, como no do aquário, o exercício da razão e da consciência é cerceado por fatores externos ao “caniço pensante”. E daí? Como ficamos?

Cabe lembrar que o cativo da razão já foi brilhantemente analisado por Sérgio Paulo Rouanet, que é, ao lado de José Guilherme Merquior, um dos pensadores citados por Luciano, em seu trabalho. No livro *A Razão Cativa*, Rouanet expõe os fatores condicionantes da razão: nossas compulsões individuais, as pressões do meio ambiente, as imposições do sistema de poder. Mas não temos opção: é Karl Popper quem nos ensina que a razão crítica é a única alternativa válida encontrada até hoje contra a violência. Desconstruí-la é abrir espaço para a perplexidade e a

mistificação. Ou nos render ao velho argumento *ad auctoritatem*, tão vezeiro entre os religiosos de todos os matizes.

Só uma concessão podemos fazer, nesse imbróglio: admitir que o conhecimento científico, em todos os seus campos, como grande conquista do exercício da razão, é provisório e perfectível. Suas proposições poderão sempre ser reconsideradas, aperfeiçoadas ou relativizadas, quando “valores mais altos se alevantem”.

Parece acontecer com Foucault aquilo que Merquior, citado por Luciano, chama de “lítero-filosofia”, gênero bem francês, em que se alia “a brilhantes dotes literários uma teorização desbragadamente liberta de disciplina analítica”. Acrescente-se: e com um estranho descompromisso com o que é afirmado e proposto às vezes tão enfaticamente. Pois é o próprio Foucault quem declara, em relação ao seu livro mais importante, que ele foi apenas uma “cançoneta antirrepressiva”...

É surpreendente como o instável autor, além de pontificar em aulas assistidas por multidões no Collège de France, tenha também sido acolhido em nosso mundo acadêmico de maneira tão acrítica. Parece até que nossas academias têm um gosto pela novidade, pelo inusitado, ainda que o novidadeiro seja depois desmentido, em razão de novas experiências de vida, como veremos a seguir.

Foucault é comentado, louvado, justificado por vários pensadores, historiadores e críticos seus amigos, além do Paul Veyne, já citado: François Ewald, Michael Lowy, Gilles Deleuze, todos meticulosamente escrutados por Luciano, em seu caprichoso trabalho. Vou referir-me a apenas um deles, de quem tive conhecimento anterior, não muito lisonjeiro: Gilles Deleuze.

**Atitude de Foucault em relação à sociedade é bem sectária: não admite que tenha havido nenhum progresso nas relações humanas, no que se refere ao controle das ações antissociais**

Mas primeiro vejamos o que dizem, um do outro, os dois personagens sob foco. No afã de desculpar Foucault de suas duvidades, Deleuze observa: “As pessoas gostam de encontrar contradições num pensador, mais até do que compreendê-lo”. E o “incompreendido”, num arroubo de exaltação ao amigo, chega a falar em um “século deleuziano”! Diante de tanta amizade, para não dizer cumplicidade, não podemos incluir este cidadão na categoria do notável grego Péricles, que teve seu nome ligado ao século 5 antes de Cristo. Mas não ficamos só nisso.

Ao lado de Félix Guattari, Jacques Lacan, Jean Baudrillard e outros, nosso herói é referido no livro de Alan Sokal e Jean Bricmont *Fashionable Nonsense — Postmodern Intellectuals Abuse of Science* (traduzido para o português como *Imposturas Intelectuais*). Nele os dois cientistas demonstram, de forma consistente, como essas figuras se valem de termos científicos inadequados, ou mesmo equivocados — inclusive da matemática — em apoio aos seus textos obscuros, iludindo o público leitor, composto essencialmente de profissionais do ramo das humanidades. Um caso lamentável de mistificação.

Melhor recorrermos a James Miller que, não sendo francês, e tendo perquirido a vida de Foucault na Califórnia, já na maturidade, explica como ele, convivendo intensamente com a comunidade “gay” americana, pôde então assumir plenamente a sua homossexualidade e superar suas amarguras, ceticismos e niilismos. Pôde, afinal, “reconciliar-se com a vida”, e superar seu fascínio pela morte como solução “heroica” para os marginalizados, seus rancores contra qualquer tipo de moral universal (que ele considerava “catastrófica”), seu ódio contra a “sociedade dis-

ciplinar”, o “gigantesco aprisionamento moral da psiquiatria”, o “humanismo penal”, enfim, todos os seus avantesmas.

Cabe lembrar que ele, em toda a sua vida pré-Califórnia, foi duramente reprimido pela simples condição de ser homossexual. Mas nos últimos anos, ao assumir-se plenamente, seu amigo Paul Veyne foi encontrá-lo no Collège de France, “nada mais tendo de histérico”, tendo-se tornado, nos seus próprios termos, “uma bicha ( *pédé* , em francês) sem problemas”. E até com o velho Sócrates, cujo humanismo considerava “ingênuo”, ele se reconciliou. E morreu serenamente (de Aids).

Resta-nos um comentário final sobre o dilema entre vida e obra de Foucault: embora descrente do poder e das regras sociais, ele sempre lutou politicamente contra o arbítrio e as injustiças. Luciano Oliveira fala em aporia mas, “datíssima vênua”, não me parece a melhor expressão. Por aporia entendemos uma proposição que se contradiz, a si mesma, e o pré-socrático Zenão de Eleia foi seu grande mestre. Mas não uma vida que se assume a despeito das próprias convicções ou narrativas. Os personagens de Albert Camus são um bom exemplo disso. E o fato é ponto de louvor para nosso comentado.

E quanto à consistência lógica da tese de Foucault, de que todo pensamento humano é condicionado pelas estruturas de poder, eu fico com Merquior, ao referir-se o paradoxo que ela encerra: “O projeto de Foucault aparece atolado num gigantesco dilema epistemológico: se exprime a verdade, então todo saber é suspeito em sua preten-

FOTO: OSWALDO JURNO/ESTÁDIO CONTEÚDO



Embora descrente do poder e regras sociais, Foucault sempre lutou politicamente contra o arbítrio e as injustiças

são de objetividade”. O que, obviamente, inclui o saber produzido pelo próprio Foucault, complementa Luciano.

E assim chego ao final desta resenha, que se pretende ensaio. Mas há muito, muito mais no livro de Luciano Oliveira, cuja leitura recomendo aos amigos de espírito independente, foucaultianos ou não.

**Clemente Rosas Ribeiro** integrou o grupo de poetas conhecido como “Geração 59”. Publicou ‘Praia do Flamengo, 132’, ‘Coco de roda’, ‘Administração & Planejamento’, ‘Lira dos Anos Dourados’ e ‘Sonata de Outono’. Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB).

# Irani Medeiros

## Exausto

O dia tem seu rigor,  
um pássaro estende  
suas asas no mistério  
dos espelhos da morte.

Havemos de dormir  
na almofada da terra,  
o corpo exausto e dolorido  
não mais se levantará  
do azulado lunar.

O entardecer ensanguentado  
sombreia o peito angustiado  
apagando os pomares da dor.



## Promotório

o construtor de estátuas  
não tem nome nem rosto  
o nome escorre sobre a sarça  
impregnando as pedras.

estátuas têm magnitude  
destinadas ao tempo silencioso.

dentro da primavera do homem  
exala aroma antigo...  
a estátua é filha do homem  
com mãos de ausentes mortais  
devora a pedra  
no perdido tempo infinito.

a estátua cresce  
como torre calcinada que dorme  
tem o mesmo idioma  
na cicatriz arenosa  
e no panal da pedra.

na levedura do metal e da pedra  
crescem heras atacando  
aves procelárias  
no promontório amarelo das estátuas e da morte.

## Alumínio

Digo não ao sarcasmo  
e ao beijo na lápide,  
prefiro o vinho da volúpia.

Os anjos ficam adultos  
e mudam de nome,  
sob a alvenaria das ossadas  
perfuram o alumínio da meia-noite.

Há sangue nos clarins  
e tão pouco ofício de amar,  
mas vasto é o ato de morrer!

A agonia dos sinos é tanta  
que goteja a tarde  
em pequenas eternidades  
e no abraço maligno do adeus.

Irani Medeiros, é poeta, escritor,  
filósofo e pesquisador da cultura  
popular. Nasceu em Pombal, no  
Sertão paraibano e, desde 1985,  
reside em João Pessoa (PB).





João Batista de Brito  
brito.joaobatista2@gmail.com

# Sérgio de Castro Pinto, **sempre**

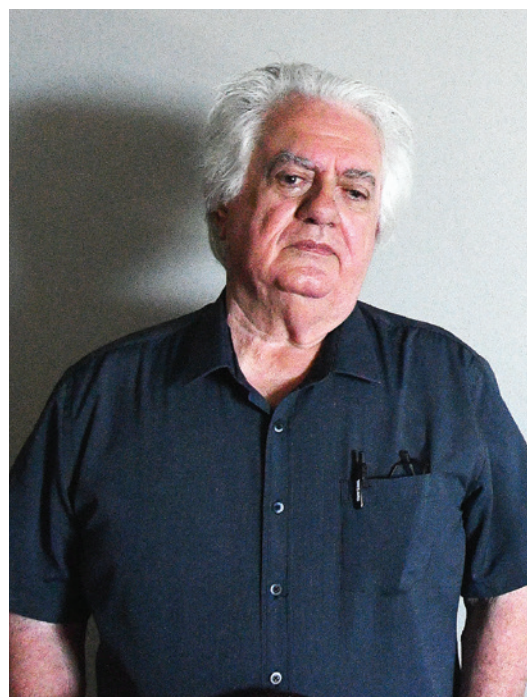


FOTO: LEONARDO ARIEL

Em nova obra, estilo Sérgio de Castro Pinto é o mesmo, mas o impressionante é como cada poema, em si, é uma novidade

O poeta Sérgio de Castro Pinto lançou o seu livro de poemas *Brando fogo das palavras* (São Paulo: Patuá, 2024).

Alguma novidade? Não, e ainda bem que não. A mesma economia de meios, a mesma preciosa maneira de trabalhar as palavras, o mesmo gênio criativo, o mesmo estilo inconfundível, um estilo que não pode ser chamado de outra coisa, senão de “estilo Sérgio de Castro Pinto”.

E se esse estilo é o mesmo, o impressionante é como cada poema, em si mesmo, é uma novidade. Tudo isso é tão bom e belo e único, que ninguém quer mudanças.

Aqui convido o leitor a ler comigo pelo menos dois dos poemas da coletânea. Dois poemas que, cada um a seu modo, ilustram a dualidade tímica nessa poesia.

Começemos com esse curto e precioso *meu rio*, que, de alguma forma, resume a dimensão disfórica, “dolorosa” do livro.

*meu rio*

*as águas desse rio  
não sabem nadar*

*escorrem fio a fio  
e se afogam no mar*

Já no título, o poema propõe uma metáfora. Decididamente, o rio mencionado não é um rio verídico, geográfico, literal. Se houvesse dúvida, bastaria passar a vista nos dois primeiros versos do poema. Com efeito, não se trata — como o leitor apressado poderia supor — do Rio de Janeiro, nem do rio Tejo, citado noutro poema do livro. Como sugere o pronome pessoal do título, é um rio só do poeta e que com ele se confunde.

Suas águas têm uma característica estranha: não sabem nadar. E aí tem força uma metonímia singular, implicando uma troca de papéis: pela experiência do leitor, /não saber nadar/, é uma expressão que se diz de pessoas. Aqui, a de-

ficiência não é dos nadadores, mas da própria água.

Ao invés de nadar, essas águas “escorrem fio a fio” — outro contrassenso que o leitor precisa resolver. Tudo bem, /escorrer/, sim, é próprio das águas, porém, a expressão seguinte introduz um contexto todo diverso do campo semântico desenvolvido até aqui, aquele do bordado, da renda: “fio a fio”. E a essas águas deficientes (por não saber nadar) é dado mais um atributo humano: o de tecer. Disse acima que o leitor precisa resolver os contrassensos. Corrigindo: precisa apenas sentir a sua força.

O poema se conclui com um corolário que é, ao mesmo tempo, lógico e absurdo. Lógico porque quem não sabe nadar se afoga; absurdo porque aqui quem se afoga são as águas. E mais um contrassenso: /e se afo-



gam no mar/, ou seja, águas se afogando em águas.

Evidentemente, falar em lógica aqui é só uma estratégia de leitura. O rio é a própria pessoa poética, com todo o seu espanto, diante de si mesmo e diante da vida.

Disse acima que *meu rio* resumiria a inclinação tímida do livro, a da disforia. Mas, ao lado dessa veia disfórica, dolorosa, há também, nesse livro — e a propósito na obra completa do poeta — uma digamos, inclinação “para cima”, nada descartável. Exemplo dessa inclinação, que se não chega a ser eufórica, é ao menos, “gozosa”, vamos ter no poema *o meu primeiro automóvel*, onde, em estilo *ricordanza della mia giuventú*, o poeta re-

lembra uma agradável ocorrência do passado. Leiamos:

*o volkswagen  
abastece-me  
de oásis*

*ágil e sem sede,  
debulha a v(i)agem  
de um mundo verde.*

*o volkswagen  
é um pequeno  
dromedário*

*e a vida 20 km rodados.*

Obviamente, o poema não pode ser lido sem um pano de fundo histórico: o fato de que o Volkswagen, com seu mínimo consumo de água, teria sido inventado para atravessar o deserto. Água no deserto só se for em oásis, daí a primeira estrofe: “o volkswagen / abastece-me / de oásis”. Ou seja, inútil a tão proclamada vantagem técnica desse automóvel, porque, em si mesmo, com ou sem água, ele me conduz ao maravilhoso. E claro o vocábulo “oásis” ganha sentido mais amplo do que o de mero *locus amoenus*: a felicidade de ser jovem, já que, mesmo narrado em tempo presente, o tempo do poema é a juventude do poeta, esta também dada pela chegada desta marca de

automóvel no Brasil — começo dos anos 1960.

O contraste entre a /aridez/ do motivo implícito /deserto/ e a implícita /uberdade/ ou, se se puder dizer /frutuosidade/, do termo explícito “oásis” persiste na estrofe seguinte: *ágil e sem sede* (o Volkswagen) *debulha a v(i)agem de um mundo verde*. Notar que, cada vez mais, os elementos do motivo /oásis/ se fazem presentes, e se sobrepõem ao deserto: no caso, no verbo *debulhar*, na palavra sugerida pelos parênteses “vagem”, e de modo direto no adjetivo “verde”, sem falar que antes disso já se dissera, também diretamente, “sem sede”. Além dessa uberdade geral, o termo “viagem” (sentidos: literal e figurado), reforça o lado favorável do estado de espírito descrito.

Seguindo a lógica da propaganda do Volkswagen como um carro para o deserto, aceitando-a e ao mesmo tempo criticando-a de modo cômico (e o humor é um elemento importante na poética de Sérgio de Castro Pinto) o automóvel é dado como “um pequeno dromedário”, verdade absurda que conduz a um outro belo corolário: o de que a vida se resume a 20 quilômetros rodados — idade do poeta (20 anos) na ocasião da aventura rememorada.

Como já afirmado, numa poética tão igual a si mesma, cada poema é, incrivelmente, uma novidade.

*(Em tempo: o texto reproduz parte da minha apresentação do livro, na ocasião do seu lançamento).*

**João Batista de Brito** é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).



Com ilustração de Flávio Tavares, poema “o meu primeiro automóvel”, da coletânea “Brando fogo das palavras”



## Isabella Christina Ferreira



### Sentimentos loucos

Gritei em silêncio no crepúsculo desse eterno momento  
 Chorei as lágrimas das feras que jazem em crateras  
 Quando minha boca engana-se trazendo fecundável esperança  
 Sinto no agora minha garganta vibrar, não era paixão... era lamento!

Corroendo meu interior e devorando o sonho proibido  
 Nuances de uma tela que jamais será vista... emudeci  
 O meu quarto gera um filme de cenas nefastas  
 Angústia tenebrosa de um poeta ébrio e enlouquecido!

Acostuma-te ao obscuro segredo dos amantes  
 Meu coração apodrece em destinos errantes  
 Minha respiração pesada... saudade de uma amarga doçura!

Só queria deixar de ser um naufrago de histórias fingidas!  
 Só queria apagar lastimáveis carícias transformadas em feridas  
 Apedrejar as mãos que me afagam, cuspir a boca que me beija!

**Isabella Christina Ferreira** tem 17 anos e é natural de São Paulo, mas atualmente mora na Paraíba, em Campina Grande. Conheceu o mundo dos livros aos 12 e, desde então, sente que eles fazem parte dela. É estudante da 3ª série do ensino médio do ECI Prof. Itan Pereira e, em 2022, foi uma das vencedoras da 3ª Festa Literária da Rede Estadual de Ensino da Paraíba (Flirede) "Augusto dos Anjos: da poesia do Eu à Paraíba em nós" com este poema.





28,29 E 30  
DE NOVEMBRO  
DE 2024

CENTRO  
CULTURAL  
SÃO FRANCISCO



FESTA  
LITERÁRIA  
INTERNACIONAL  
DA PARAHYBA



CAMÕES  
500 ANOS

UMA NOVA  
CIDADANIA  
PARA A LÍNGUA



SECRETARIA DE ESTADO  
DA COMUNICAÇÃO  
INSTITUCIONAL



SECRETARIA DE ESTADO  
DA ADMINISTRAÇÃO



SECRETARIA DE ESTADO  
DA CULTURA



GOVERNO  
DA PARAÍBA



A vida  
**acontece**  
com  
o Sesc

A vida **acontece**  
com educação,  
saúde, cultura,  
lazer e assistência.

**Sesc**  
Fecomércio  
Senac